

LESA PÁTRIA

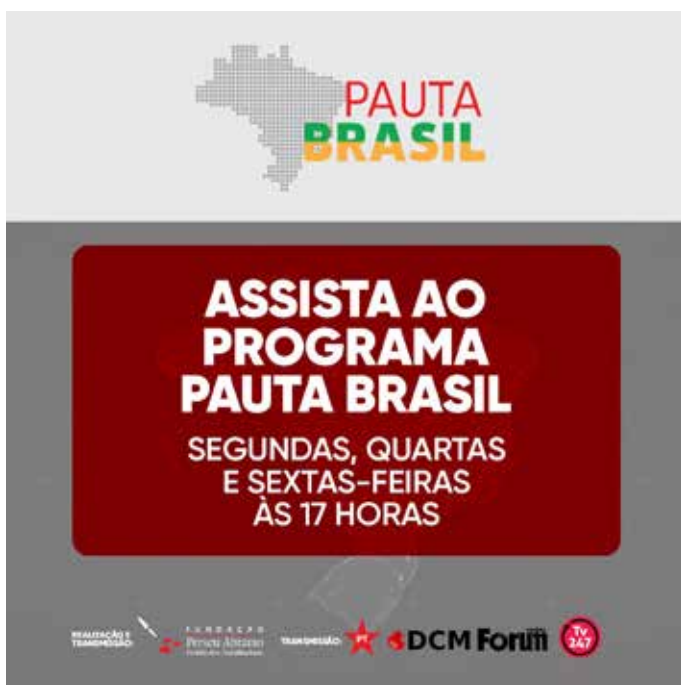
Tribunal de Contas da União aprova a venda da Eletrobrás, em manobra que fere a soberania nacional para ajudar o governo. O PT recorre à Justiça para barrar a venda da estatal e impedir o eclipse da política energética no Brasil

Arte: Olímpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 21 de Fevereiro de 2022 Nº 46

No entrevistão, Pastor Oliver fala dos evangélicos
Apesar de Bolsonaro, Brasil é potência ambiental
Com PT, política promoveu crescimento da indústria
Os cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

LULA: VENDA DA ELETROBRÁS FERE SOBERANIA DO BRASIL

Decisão do TCU que libera venda da estatal criada por Getúlio Vargas contraria os interesses nacionais. Lula lembra que a empresa é estratégica para o povo e o futuro do país

Página 10

EDITORIAL. É preciso ganhar as eleições, governar para reconstruir o Brasil

Página 4

ENTREVISTA. Pastor Oliver fala que muitos evangélicos querem Bolsonaro longe

Página 5

ELETROBRÁS. Ideia de vender a estatal nasceu com o Golpe de 2016

Página 13

ESCURO. Antes de Getúlio criar a Eletrobrás, o país sofria com os apagões

Página 14

OPINIÃO. Reginaldo Lopes acusa governo de mentir sobre preço de combustíveis

Página 16

PANDEMIA. Casos de ômicron aumentam e Senado homenageia vítimas

Página 18

DIPLOMACIA. Bolsonaro passa vergonha na Rússia, mas se submete a testes

Página 19

PESQUISA. Noppe mostra o que pensam aqueles que estão fora da polarização

Página 20

MEIO AMBIENTE. Brasil pode voltar a ser a potência ambiental, diz Penildon Silva

Página 22

ECONOMIA. Com o PT no governo federal, setores da economia cresceram muito

Página 24

CULTURA. Bia Abramo escreve sobre os 100 anos da Semana de Arte Moderna

Página 28

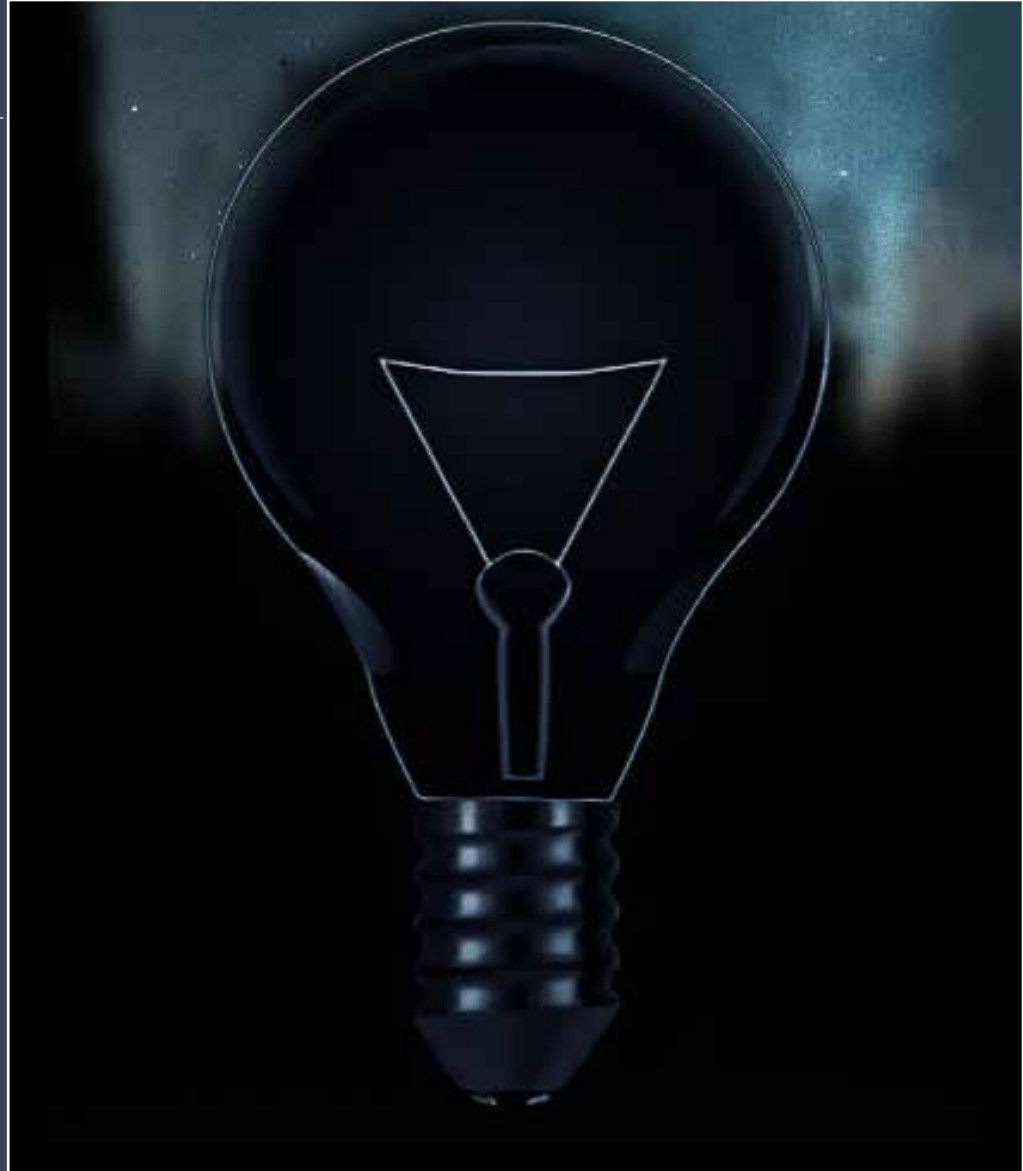
MEMÓRIA. Brasil ganha Código Eleitoral em 1934 e o PCdoB nasce em 1962

Páginas 32 e 33

QUADRINHOS. PT lança a revista sobre a perseguição política da Lava Jato a Lula

Página 34

Arte: Olímpio



GANHAR, GOVERNAR, RECONSTRUIR E TRANSFORMAR

Aloizio Mercadante

Chega em boa hora o manifesto assinado por mais de 50 personalidades pela eleição de Lula já no primeiro turno. A adesão de nomes como Cristovam Buarque, Milton Seligman, Randolfe Rodrigues, entre outros, é o início de um movimento mais amplo de reconstrução das relações políticas, depois da devastação promovida pela ascensão da extrema-direita.

Entretanto, precisamos estar preparados para uma eleição dura, polarizada e disputada em dois turnos. Primeiro, porque nunca ganhamos eleições presidenciais em primeira ronda. Depois, porque na observação de 226 eleições presidenciais ao redor do mundo, em apenas 7% dos casos os governantes que disputavam a reeleição não foram para o segundo turno. E, ainda, há um número muito grande de candidatos, o que fragmenta o eleitorado, especialmente da centro-direita.

De toda forma, é fundamental seguirmos costurando um amplo leque de alianças, que tenha no centro estratégico a defesa de um programa de reconstrução e transformação e a defesa do Estado Democrático. Essa base é fundamental não só para a eleição de Lula, mas também para elegermos uma grande bancada de parlamentares e isolarmos a extrema-direita, que nunca teve compromisso com a democracia e o voto popular. Precisamos vencer e garantir melhores condições de governabilidade.

Devemos estar atentos ainda ao fato de que a eleição será uma

disputa de agendas. Nós, do campo progressista, devemos centrar esforços em debater os temas fundamentais para a vida do povo: o enfrentamento da fome, da miséria, geração de empregos e renda.

É nosso dever apresentar alternativas à deterioração de políticas públicas desencadeadas por Temer-Bolsonaro. Na educação, por exemplo, houve aumento durante a pandemia de 66% no número de crianças que não sabem ler e escrever. Na saúde, cresce a pressão gerada pela demanda reprimida por procedimentos eletivos. Sem falar no desmonte de órgãos de preservação do meio ambiente, que tem gerado uma devastação sem precedentes na Amazônia. Há ainda o desmonte da cultura e o isolamento internacional do Brasil.

Frente ao enorme fracasso que é Bolsonaro em todas as áreas, não interessa a ele debater com Lula, o presidente mais bem avaliado da história, com legado e projeto de futuro para o Brasil. Por isso, Bolsonaro aposta na disputa no campo das fake news, como a suposta delação de Adélio Bispo ou a que teria impedido a Terceira Guerra Mundial. Não podemos cair nas armadilhas.

Por outro lado, temos um juiz suspeito e isolado, que não consegue explicar os R\$ 3,7 milhões ganhos na recuperação judicial de empresas que ajudou a quebrar. Ele não tem articulação política, não conhece o Brasil, mas tenta colocar na pauta o combate à corrupção, sem credibilidade para tratar do tema. A chamada terceira via não tem unidade, nem programa para enfrentar a crise e segue sem votos, inclusive com a prová-

vel entrada na disputa de mais um candidato, que perdeu as prévias partidárias, e deve trocar de partido. Isso vai acirrar ainda mais a disputa pelo terceiro lugar.

Nesse cenário de polarização, Bolsonaro procura recuperar parte da base social perdida, com medidas como auxílio a 17 milhões de famílias, vale-gás, aumento de 10% no salário mínimo e liberação R\$ 100 bilhões em crédito para as micro e pequenas empresas. Todas as iniciativas não resultaram, até o momento, em mudanças consistentes nas intenções de voto e, principalmente, não reverteram a gigantesca rejeição ao governo.

Tal cenário dialoga com uma cláusula da Gallup que, desde 1940, nenhum governo consegue a reeleição se não partir de pelo menos 45% das intenções de voto. Ou seja, Bolsonaro continua com piso alto, mas teto eleitoral baixo, carregando uma monumental rejeição.

O desgaste do presidente é profundo, em razão da condução irresponsável e criminosa da pandemia, que resultou em mais de 640 mil mortos, da alta dos preços dos alimentos e das elevadas taxas de desemprego. Ainda que a inflação recue e as condições deixem de piorar, a economia segue determinante e Bolsonaro não tem o que apresentar.

Temos ainda um fator determinante: a mais aguerrida e comprometida militância política do Brasil. Há que lutarmos com nossas forças, amassar barro e enfrentar as eleições com coragem e determinação para que a esperança vença o ódio. Mas, também construindo e criando as condições de governabilidade. Essa construção passa pela disputa em São Paulo, por alianças e pela ampliação das forças democráticas ao redor da liderança de Lula. •

“A VIDA DO POVO EVANGÉLICO PIOROU COM BOLSONARO”

Integrante do Núcleo Evangélico do PT, o pastor diz que, apesar do grande número de crentes terem votado no presidente em 2018, agora há uma rejeição às ideias dele e uma reaproximação com Lula. “Quando na dinâmica da vida o evangélico vê que a gasolina está quase R\$ 8, que o gás aumentou, ele lembra como era a vida no governo do PT. E era melhor”, aponta

**Alberto Cantalice
e Pedro Camarão**

Os evangélicos já representam mais de 30% da população brasileira, de acordo com um levantamento feito pelo Datafolha em 2020. A não realização do Censo pelo IBGE dificulta que se saiba o número mais próximo do real, mas é certo que o número de fiéis vem crescendo. O que não se pode esquecer é a diferença enorme que existe entre cada uma das igrejas evangélicas, alerta o pastor e historiador Oliver Costa Goiano.

Atual coordenador de Religião na Secretaria de Participação Popular, Direitos Humanos e

Mulher, da Prefeitura Municipal de Maricá, o pastor integra o Núcleo Evangélico do Partido dos Trabalhadores. Ele afirma que os evangélicos se afastaram do PT em função da estratégia utilizada por um movimento conservador de tomada do Estado para a defesa da manutenção de privilégios dos mais ricos. Mas, agora, ocorre uma reaproximação.

Na visão do pastor da Igreja Batista da Lagoa, o motivo é pragmático. A piora das condições de vida em função da crise econômica e da péssima condução que o governo faz nessa área é o que leva evangélicos das mais diferentes igrejas a lembrarem de como a vida era melhor durante os governos do PT. Por isso, ele alerta sobre a necessidade de se tomar

muito cuidado com o discurso a ser utilizado e defende a necessidade de o partido dialogar com as religiões, deixando claro que é um grupo político diverso e que respeita as diferenças.

O pastor Oliver acredita que, se não fosse pela crise, talvez o bolsonarismo estivesse mais forte. Nesta entrevista à revista Focus Brasil, ele defende que os valores da esquerda são mais próximos ao que diz a Bíblia e que o bolsonarismo é o contrário. Segundo ele, os evangélicos pagam um preço alto pelo apoio que deram a Bolsonaro em 2018. Ele ainda explica porque o movimento anti-vacina encontra algum apoio dentro de grupos evangélicos. Leia os principais trechos a seguir:

Focus Brasil – A comunidade evangélica apoiou Jair Bolsonaro em peso na eleição de 2018 e, durante o seu governo, vem ocorrendo um afastamento muito forte. O que provocou esse distanciamento?

Pastor Oliver – A gente percebe nas pesquisas que o Bolsonaro tem um núcleo duro mais radicalizado, em torno de 20%, 22% e esse número não diminui. Mas posso dizer que o apoio ao bolsonarismo é algo muito caro aos evangélicos. Os evangélicos estão pagando um preço muito alto. Quando alguém vota numa pessoa que não se transformou... Ele já disse que desejava que Dilma morresse de câncer ou enfarte. No impeachment, fez uma fala exaltando o torturador que a colocou em dores indizíveis. Todas as falas dele sempre foram terríveis.

Talvez, a melhor pergunta seja por quê os evangélicos entraram nessa? Afinal, ele já estava dizendo tudo isso. Nem todas as pessoas são politizadas e posso afirmar também que a maioria dos evangélicos ganha entre um e dois salários mínimos [R\$ R\$ 1.212 e R\$ 2.424]. E, por incrível que pareça, é também o percentual da população em que o presidente Lula é mais bem avaliado.

– Houve também um cenário apocalíptico propagado pela mídia e a imprensa conservadora.

– Eu diria que houve um conluio de forças internacionais, um discurso hipócrita anticorrupção que nós estamos vendo que está caindo por terra e, acima de tudo, a dinâmica da vida. Há algumas pesquisas que dizem que o evangélico vota em primeiro lugar por questões econômicas, mais do que por questões identitárias ou morais. Quando na dinâmica da vida o evangélico vê que a gasolina está quase R\$ 8, que o gás aumentou, ele lembra como era a vida no governo do presidente

Lula. Era melhor. Os evangélicos estão se afastando porque eles pensam pragmaticamente. Percebem que a vida deles piorou.

– A questão ideológica não pesa?

– É interessante porque o discurso bolsonarista vai dizer que “não, se o PT estiver no poder igrejas vão ser fechadas”... Como se o PT fosse um partido que nunca tivesse governado o país. Ora, isso ocorreu durante 13 anos. As pessoas caíram agora na realidade. É claro que os progressistas têm que es-

A DIREITA FEZ UM DEVER DE CASA, MUITO BEM EXECUTADO, DE DEMONIZAR A ESQUERDA. PRECISAMOS DIALOGAR COM OS EVANGÉLICOS

tar atentos ao seguinte: o PT ainda precisa conquistar mentes e corações. O PT sempre tem 30% do eleitorado, o Lula já está com 40%, 45%. Ele acaba sendo mais bem quisto do que o próprio PT. Nós precisamos rever isso para que a gente dialogue com o público evangélico. A direita tem feito um dever de casa terrível, mas muito bem executado, de demonizar a esquerda. E, por isso, eu respondo que o afastamento dos evangélicos diante do bolsonarismo é um reconhecimento da realidade. Eles

nem deveriam ter entrado nessa onda.

– Nem todo evangélico é bolsonarista.

– Eu sempre digo isso. Os evangélicos que votam, que são pessoas honestas, votam por uma questão moral, acima de tudo. A esquerda precisa dialogar com isso. Graças a Deus esse afastamento está acontecendo, mas pare e pense: se a economia estivesse crescendo, se o desemprego estivesse menor, será que o bolsonarismo estaria fraco?

– Quais as maiores dificuldades que o PT e os progressistas têm no diálogo com os evangélicos?

– Quando a gente vai olhar a realidade, percebemos que esses mesmos evangélicos que votaram em Bolsonaro também votaram em Lula e em Dilma. Eles estiveram conosco. Existe uma lenda de que os evangélicos não votam na esquerda. Não é verdade. Não podemos ver a religião apenas como um fenômeno psicossocial. Ela alcança o coração das pessoas.

Quando a gente olha a televisão, pensa que o evangélico é aquele homem branco, heterossexual e borbulhando ódio no discurso. Mas não é verdade. A face evangélica do Brasil é preta e de uma mulher negra. A governadora Benedita [da Silva] sempre diz isso: há um erro e preconceito dos dois lados. Há setores da esquerda com preconceito contra os evangélicos e vice-versa. O mundo evangélico tem, pelo menos, algumas subdivisões. Existem os protestantes históricos, os pentecostais clássicos e os neopentecostais. A maioria é de pentecostais clássicos, por exemplo, da Assembleia de Deus. E, por incrível que pareça, eles veem no Lula alguém muito semelhante à história deles próprios, alguém que não fez ensino superior e é um self-made man, um autodidata.

– É a vida da pessoa comum...



Reprodução/Facebook

– Quando você entra numa Assembleia de Deus, aquele homem e aquela mulher que foram massacrados durante o dia sendo diarista, empregada, porteiro do prédio, chega de noite, veste um terno, entra na igreja e tem lugar de fala. Essa mulher lidera o ciclo de oração, enquanto que durante a semana ela é massacrada. E, nesse sentido, o marxismo é correto. A luta de classes existe. E a igreja é o lugar do pertencimento, da valorização. Se uma mulher rica for à igreja, vai receber uma oração da mulher pobre que, naquele momento, se torna uma autoridade.

– Tem a questão emocional...

– A esquerda precisa entender... eu acho que Espinoza dizia isso: aquilo no que a gente acredita, não é apenas racional, é subjetivo também. E o pentecostalismo é emocional. O discurso da esquerda, às vezes é muito frio. A emoção pre-

cisa vir à tona. E é o que a gente vê nas igrejas pentecostais. As experiências catárticas, a manifestação do Espírito Santo, são curadoras para as pessoas. E vamos lembrar que essa mulher preta, quando sai da casa dela, tem alguém com um fuzil do lado de fora. A vida não é fácil. E a igreja é um ambiente da paz. Então, a esquerda não pode brigar contra isso. Esses evangélicos sempre estiveram ao nosso lado, mas de 2016 para cá, devido à pauta moral, foram afastados de nós. E agora, percebendo a inflação, a crise econômica, estão voltando. Mas é o que eu disse antes. Se a situação econômica melhorar, podemos perdê-los de novo. Então, precisamos conquistar mentes e corações.

– **Ainda sobre as inclinações políticas dos evangélicos, existe uma narrativa de que a direita faz a defesa da "família", enquanto**

a esquerda é baderneira, divisionista e destruidora da família. Quais são os valores do PT e dos progressistas importantes para os princípios evangélicos?

– O nome do principal programa dos governos do PT foi o Bolsa Família. Como é essa história que o PT não defende a família? O PT tem uma coisa muito linda, o partido é a cara do Brasil. Dentro do PT tem indígena, negro, mulher, LGBT... Tem tudo. Tem defesa do meio ambiente. Isso dá muito orgulho porque é o ambiente da diferença. Você pega os petistas e que estão em várias matizes ideológicas e várias correntes, eles pensam diferente entre si.

De certa forma, o PT já está fazendo isso, mas vamos ter que entrar num campo que não queremos entrar: no discurso religioso. Quando digo isso, é reconhecendo o binômio: política e religião

andam juntas. O que nós, evangélicos, e eu como batista repudio, é a Igreja e o Estado juntos. Isso é fascismo. É óbvio que o PT precisa dialogar de maneira religiosa sem escolher uma religião. Mas precisa utilizar algumas categorias religiosas para mostrar que a defesa de mais um governo petista é a defesa do Estado Laico. E Estado Laico não é arreligioso, ele respeita todas as religiões. Isso é muito importante porque é muito lindo.

– **Não é a visão de Bolsonaro.**

– E essa conversa de que a direita defende a família? Pega o Bolsonaro. Ele defende a família e está no quarto casamento? Eu sei que o PT não quer entrar na discussão moral porque é da vida privada das pessoas. Mas a direita vai dizer que tem princípios liberais, que não quer que o Estado se meta na economia, mas é a direita que defende que o Estado se meta na vida religiosa das pessoas. É um contrassenso total. Sempre digo que, quando você olha o Evangelho de Jesus Cristo, veja, não posso falar que ele é de “esquerda” porque o termo surgiu depois, mas na minha visão a esquerda está muito mais próxima do Evangelho do que a extrema-direita, sem dúvida alguma.

– **É um bom argumento.**

– Então, você tem que pegar a pessoa e levá-la para uma reflexão. Quando Jesus falou: “Ame ao próximo como a ti mesmo”, você acha que essa prática está mais perto da esquerda ou da direita? Pega o Sermão da Montanha, em que Jesus fala sobre perdão, e a gente vê o bolsonarismo defendendo o discurso do “bandido bom é bandido morto”. É totalmente contrário ao Sermão da Montanha.

– **O negacionismo, o culto à morte que o presidente prega ao tentar gerar desconfiança contra as vacinas, é uma atitude cristã?**

– De 20 anos para cá, digo isso porque estudei no seminário teológico e vi isso acontecer, começou no mundo e, principalmente, nos EUA, um movimento conservador de tomada do Estado. Então, existe por trás do trumpismo e do bolsonarismo esse projeto. É um movimento que visa a manutenção de privilégios, a proteção dos mais ricos. Usa o discurso religioso para que os direitos não sejam dados à grande maioria. Lula sempre fala que existe nas pessoas uma raiva porque o po-

E ESSA CONVERSA DE QUE A DIREITA DEFENDE A FAMÍLIA? ORA, PEGA O BOLSONARO. ELE DEFENDE A FAMÍLIA E ESTÁ NO QUARTO CASAMENTO?

bre estava no aeroporto, o pobre e o negro entraram na universidade. Temos que lembrar é que esse negacionismo é fruto de um fanatismo que existe. Hitler conseguiu isso na Alemanha. Acho que no futuro alguém vai descobrir que às vezes esses discursos loucos não são aleatórios, têm um propósito.

– **Dentro dessa linha neopentecostal mais próxima do bolsonarismo, existem algumas igrejas que precisariam ser questionadas porque usam o**

poder de forma absurda?

– É verdade. O MST fez um documento muito lindo em que é feita essa análise do povo evangélico no Brasil. É preciso lembrar um pouco da história evangélica no Brasil. Na história mundial, os evangélicos surgem quando Martinho Lutero, há 500 anos, faz a reforma protestante e reconhece que a salvação não é pelas obras – sabemos que naquele momento a Capela Sistina estava sendo construída e havia a venda da salvação e Lutero, que era um monge agostiniano, se colocou contra isso. Ele não queria uma ruptura com a Igreja Católica, mas a partir das 95 teses surgiu um movimento que antes de Lutero já havia até reformadores que defendiam os mesmos valores: que a Bíblia não deveria ficar nos mosteiros.

Os evangélicos começaram a chegar no Brasil há 150, 200 anos. Quando acontece a abertura dos portos pela Família Real, evangélicos anglicanos, ingleses, recebem de D. João a liberação para ter a sua religião contanto que as suas casas de culto não tivessem formato de igreja. Depois, o Império abre-se para a migração de luteranos. E depois começam os evangélicos de missão que vem para evangelizar e não para morar. Vêm os metodistas, os congregacionais, os batistas, e vemos que no início do século 20 surge dentro de uma Igreja Batista no Brasil esse pentecostalismo, surge a Assembleia de Deus. Por isso que eu falo que Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil são pentecostais clássicas.

Na década de 1970 surge, principalmente, aqui no Rio de Janeiro a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça que são os neopentecostais. A diferença é que essas igrejas têm na sua pregação a Teologia da Prosperidade, a ideia de que você deve ser crente e ganhar dinheiro, ter que ser um vencedor.

Seria uma ideia mais neoliberal do Evangelho. Na minha visão, isso não tem nada a ver com o discurso de Jesus porque Jesus sempre propunha soluções coletivas. Aceite Jesus e ganhe dinheiro? Não foi isso o que Cristo ensinou. Embora, eu sei que tem muita gente na Igreja Universal que também critica isso. Então, é o neopentecostalismo que tem mais resistência a nós porque ele é dependente do governo, deseja verbas e algumas dessas igrejas têm canais de televisão. Então, precisam do governo. E, infelizmente, por serem midiáticos, acabam apoiando todas essas atrocidades que o bolsonarismo comete e fala.

– O Núcleo de Evangélicos do PT está se organizando para lançar candidaturas ao Congresso?

– A governadora Benedita da Silva está fazendo um trabalho maravilhoso no núcleo evangélico do PT e tem incentivado que surjam candidaturas. A gente tem percebido na conjuntura que, por incrível que pareça, precisamos fortalecer mais deputados e senadores até do que governadores. Porque é onde se vota e se passa um impeachment, onde se aprovam pautas ou se dificulta a aprovação de pautas. Quando a gente tem candidatos evangélicos progressistas, a gente traz o discurso para um combate que é necessário. Se você traz a discussão para a Bíblia, a esquerda vence. Com relação à perspectiva para o futuro, o PT precisa entender que os evangélicos do partido e os evangélicos progressistas são muito diferentes entre si. Por exemplo, quando foi aprovada a descriminalização do aborto na Argentina, alguém da comunicação do PT comemorou. Existem muitas pessoas no PT que são favoráveis à descriminalização do aborto, a maioria dos evangélicos é contra e muitos são petistas. É entender o seguinte, deixar em aberto assuntos que são polêmi-

cos no mundo inteiro, não só no Brasil. Existe na cabeça das pessoas uma ideia errada de que todo petista é favorável a determinadas ideias morais e isso não é verdade. Se dentro do nosso partido não há acordo em tantos temas, também entre os evangélicos não há acordo em tantos temas. Por exemplo, o Bispo [Edir] Macedo já falou que é favorável à descriminalização do aborto e ninguém fala disso. Ele é um evangélico. Entre os evangélicos existem diferenças, no PT existem diferenças. Então, a gente não

**PRECISAMOS
FOCAR NA PAUTA
ECONÔMICA QUE
É O ONDE O POVO
VOTA. E O PT
SEMPRE DEFENDEU
RENDA, EMPREGO,
TRABALHO E
TERRA**

pode fechar questão.

– E como fica a disputa política então?

– A perspectiva para o futuro, na minha visão, é o Partido dos Trabalhadores mostrar que temos aqui evangélicos que são petistas e conservadores nos costumes, que entendem que uma coisa não atrapalha a outra e temos também evangélicos que são petistas e mais liberais nos costumes. Nós temos que dar fim a essa ideia que as fake news bolsonaristas criam.

Colocam a mulher de esquerda como alguém andando na rua com o seio de fora, colocando crucifixos em orifícios do corpo... é essa a ideia que eles querem passar. Temos que dizer que o PT é diverso. Aliás, toda manifestação de ódio e de desrespeito às religiões, nós discordamos. A perspectiva que eu vejo para o futuro é fazer o movimento que o presidente Lula tem feito, temos percebido ele caminhando para o centro. Não adianta a gente ganhar uma eleição e não governar. O evangélico em sua maioria é conservador nos costumes, nós não vamos mudar isso. As pessoas são diferentes, o Brasil é gigantesco. O pensamento de alguém que está no litoral ou nos grandes centros urbanos é diferente do de alguém que está nos rincões lá no meio de Goiás ou da Amazônia.

Temos que mostrar que por isso o PT é a melhor proposta, porque tem todos esses grupos representados em suas siglas. O PT tem conservadores em princípios e liberais em princípios. Tem indígenas, mulheres, negros, LGBT. Precisamos não fechar questão com relação a alguns temas. O discurso bolsonarista vai pegar isso e dizer: "ó lá, todo petista pensa assim". E não é verdade. Nem todo petista pensa de maneira uniforme, nem todo evangélico pensa de maneira uniforme. Há uma diferença muito grande entre o evangélico da Deus é Amor e o evangélico luterano. Muita diferença. Há muita diferença entre o evangélico da Igreja Sinais e Prodígios e o evangélico presbiteriano. Muita diferença. Embora todos eles creem na salvação pela graça. Precisamos focar na pauta econômica que é a pauta em que o povo mais vota. E o PT sempre defendeu renda, emprego, trabalho e terra. Esse é o caminho. E vamos pregar o respeito à diferença. •



PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRÁS É CRIME LESA-PÁTRIA

TCU comete um erro ao autorizar que o governo Bolsonaro venda o controle da estatal de energia elétrica, considerada estratégica para o desenvolvimento nacional. Lula chama o presidente da República e seus ministros de “vendilhões da Pátria”



ALERTA Lula adverte que empresários sérios não devem embarcar na aventura privatizante dos "vendilhões da Pátria"

Na mais temerária jogada entreguista do governo, o Tribunal de Contas da União (TCU) atendeu aos interesses do Palácio do Planalto na última terça-feira, 15, e aprovou, por 6 votos contra 1, a primeira fase da privatização da Eletrobrás. A decisão representa uma ameaça direta à soberania nacional, permitindo que o principal instrumento de política de energia do governo seja colocada em mãos privadas.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva condenou a decisão. "Eu espero que os empresários sérios que querem investir no setor elétrico brasileiro não embarquem nesse arranjo esquisito que os vendilhões da pátria do governo atual estão preparando para a Eletrobrás, uma empresa estratégica para o Brasil, meses antes da eleição", disse.

"Privatizar a Eletrobrás é entre-

gar de bandeja esse inestimável patrimônio duramente construído pelo povo brasileiro", diz. "É permitir que interesses privados passem a controlar as barragens e as vazões das águas, bem como o acesso a importantes fontes hídras do nosso país".

A presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), anunciou que o partido vai recorrer à Justiça Federal para impedir o processo de desestatização. "É um crime lesa-pátria", anunciou. Ao longo dos últimos 50 anos, estima-se que foram investidos mais de R\$ 400 bilhões na Eletrobrás. O governo tem pressa em realizar o negócio e entregar a estatal na bacia das almas. O ministro da Economia, Paulo Guedes, quer vender a empresa até o mês de maio.

Pior do que permitir a venda, contudo, é que o TCU autorizou a primeira fase para a venda da estatal criada por Getúlio Vargas,

sob condições suspeitas. Alergada pela área técnica de que o preço para a desestatização da Eletrobrás foi subavaliada pelo Ministério das Minas e Energia, ainda assim, os ministros aprovaram o relatório do ministro Aroldo Cedraz.

Ficou vencido o ministro Vital do Rego, que advertiu que o governo havia subestimado o preço para a venda da empresa. O valor correto seria pelo menos R\$ 130 bilhões, nos cálculos do TCU. mas o governo Bolsonaro quer se desfazer da empresa, considerada estratégica para o desenvolvimento nacional, pela metade disso: R\$ 67 bilhões.

Vale lembrar que a Eletrobrás é responsável por cerca de um terço da geração de energia elétrica do país e por mais de 40% dos ativos de transmissão no território nacional. A holding controla importantes empresas do setor de energia, como a Chesf,

Furnas, Eletronorte e Eletrosul, além de ser sócia da Itaipu Binacional, da qual detém 50% do controle acionário.

A presidenta do PT diz que a conta não fecha e adverte que o negócio, além de inconveniente do ponto de vista financeiro, ainda é prejudicial para o futuro do país. “A estatal estratégica brasileira, que nem deveria ser vendida, vale pelo menos R\$ 130,4 bilhões, e não R\$ 67 bilhões. É o dobro do preço. Nós vamos à Justiça”, reiterou.

O professor Ildo Sauer, do Instituto de Energia e Ambiente (IEE), lembra que nenhum país do mundo privatizou suas usinas hidrelétricas”. Na China, detentora da maior produção, o sistema é completamente estatal. Nos Estados Unidos, as usinas são mantidas sob o controle público, por meio da Tennessee Valley Authority. O Brasil é o segundo maior produtor de energia hidrelétrica do mundo, perdendo apenas para a China.

Ele e outros especialistas têm apontado que a privatização da Eletrobrás vai fazer o preço da energia subir e a qualidade do serviço cair. A empresa, cuja proposta de criação ocorreu em 1954 pelo presidente Getúlio Vargas, pouco antes de seu suicídio, sempre enfrentou oposição e contrariou interesses privados.

Tanto que o projeto de criação das Centrais Elétricas Brasileiras S/A só foi aprovado em 1961 no Congresso Nacional, já no governo de Jânio Quadros, e instalada por João Goulart, em 11 de junho de 1962, em sessão solene do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (CNAEE), no Palácio Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Desde que foi criada e instalada, a estatal manteve papel importante para a redução das desigualdades do Brasil. Levou energia onde não havia, nos anos

Divulgação



PREÇO SUBAVALIADO Ministro do TCU, Vital do Rêgo apontou em seu relatório que os ativos da Eletrobrás valeriam pelo menos R\$ 130,4 bilhões

60 e 70, e ajudou a garantir a produção industrial brasileiro e o desenvolvimento urbano ao longo dos anos 80 e 90. A estatal foi responsável, por exemplo, pela operação do programa Luz para Todos, criado no governo Lula para levar energia elétrica a quase 17 milhões de brasileiros que, em pleno século 21, ainda viviam na escuridão. A manutenção do

controle da estatal nas mãos da União está relacionada, portanto, à defesa da soberania e à segurança energética do Brasil.

A ex-presidenta Dilma Rousseff, responsável pelo Luz para Todos quando era ministra das Minas e Energia, denuncia que a venda da Eletrobrás fere o interesse nacional. Ela desmontou argumento de que a empresa precisa ser privatizada para poder atrair investimentos. “Isso é mentira. Na área de energia elétrica, o financiamento é feito pelo chamado projeto de financiamento com base em recebíveis”, lembra. “O retorno do investimento é totalmente garantido pela própria atividade da empresa”.

“É isso o que sempre financiou os grandes projetos do Brasil, inclusive aqueles com predominância privada, como Jirau, Santo Antônio e Belo Monte”, frisou. Entre 2003 e 2018, 80% dos investimentos no setor elétrico foram privados, com parceria pública minoritária, reforça. “Na média, os grandes investimentos foram 60% privado, 40% público”.

Pelo modelo previsto na privatização, a tarifa de energia pode

GLEISI: “A ELETROBRÁS, QUE NEM DEVERIA SER VENDIDA, VALE R\$ 130,4 BILHÕES, E NÃO R\$ 67 BILHÕES. É O DOBRO DO PREÇO. NÓS VAMOS À JUSTIÇA”



Acervo/Fundação Perseu Abramo

IDEIA DA VENDA NASCEU COM GOLPE DE 2016

Em 2018, o presidente Michel Temer assinou o decreto para incluir a Eletrobrás no Plano Nacional de Desestatização (PND). A inclusão da estatal no PND foi possível graças ao Golpe de 2016, que retirou Dilma Rousseff da Presidência da República com o impeachment aprovado pelo Congresso, mesmo sem que tenha ocorrido um crime de responsabilidade, como determina a Constituição Federal.

A ideia de vender a estatal ganhou apoio da grande mídia, que aplaudiu a iniciativa de Temer. “Acabei de assinar um decreto que autoriza o início dos estudos para capitalização da Eletrobrás, tão logo o projeto seja aprovado pelo Congresso Nacional”, anunciou Temer, em 19 de abril daquele ano.

A privatização da Eletrobrás passou a ser uma prioridade da pauta neoliberal do governo golpista. No começo, havia forte resistência da base aliada à ideia da venda da estatal. A assinatura do decreto por Temer, foi a solução encontrada pelo Planalto para acelerar a análise do Congresso a um projeto enviado pelo Executivo sobre a venda da Eletrobrás.

Mas a venda da estatal pelo governo Bolsonaro é diferente daquela proposta inicialmente por Temer. O projeto original propunha emissão de novas ações da Eletrobras, reduzindo fatia da União. Com os recursos, empresa pagaria outorga de R\$ 12,2 bilhões ao Tesouro. Temer queria, portanto, entregar por muito menos. •

NEGÓCIO SUSPEITO No plenário, Jean Paul Prates diz que privatização da Eletrobrás, nos moldes propostos, “é mal-intencionada” e “criminosa”

subir sem aviso prévio. “Para a Eletrobrás valer alguma coisa, essa energia já paga tem de ser passada para o [setor] privado, e ele pode cobrar qualquer tarifa”, adverte. “Ou seja, ele não teria mais de dar à população brasileira a parte que ela já pagou”, explica. “É um roubo”, disse. A Eletrobrás é a maior empresa de energia da América Latina, com 48 usinas hidrelétricas, além da maior parte das eólicas.

O senador Jean Paul Prates (PT-RN), líder da Minoria no Senado, diz que a venda da Eletrobrás é “a mais grave, mais complexa e mais inconsequente das privatizações”. Em pronunciamento no plenário do Senado na quarta, 16, ele citou que o valor colocado como preço para a venda, não incorpora uma série de coisas que a Eletrobrás faz e fará e que não estão no preço. “Não incorpora, por exemplo, o valor que os espelhos d’água das hidrelétricas têm para acolher painéis solares de energia solar”, lembra.

“Sou daqueles que acreditam que (...) cabem boas privatizações e más privatizações, privatizações necessárias e privatizações totalmente desnecessárias, equivocadas e, algumas vezes,

até mal-intencionadas e criminosas, e essa se encaixa nesse último grupo”, adverte. Para o senador, a venda da estatal sem um estudo prévio do impacto tarifário é o “absurdo dos absurdos”.

“Estamos falando aqui de uma privatização sutil, simplista, quase escamoteada da holding das holdings do sistema elétrico brasileiro, chamada Eletrobrás, e, abaixo dela, de todos os guarda-chuvas regionais que cada um de nós, na sua região, conhece muito bem: Eletronorte para os nortistas; Chesf para os nordestinos; Furnas, para os sudestinos e, para a Região Sul, Eletrosul”, denunciou no plenário do Senado.

Ele citou como brecha potencial para alta das tarifas o fato de não haver nenhuma restrição ou previsão de subsídio para que o comprador não considere no custo para composição das tarifas os ativos já amortizados das hidrelétricas da holding. A estatal considera nos custos os preços de operação e manutenção. A iniciativa privada, certamente, cobrará o valor de mercado, o que pode elevar as tarifas. Há cálculos que projetam alta anual de 4,3% a 6,5% nas tarifas. •



Ampla repercussão dos projetos enviados por Vargas ao Congresso

A "Eletrobrás" Transformará a Fisionomia Econômica do País!

VAI ANDAR O PROJETO que cria a Eletrobrás

Foi ontem aprovado, unânimemente, na Comissão de Finanças do Senado

ESTADISTA O presidente Getúlio Vargas visita, em 1954, o canteiro de obras da Usina de Paulo Afonso, da CHESF

ANTES DE VARGAS, UM PAÍS NO ESCURO

Setor privado sempre foi contra a ideia de uma estatal de energia, mas o fato é que o país antes da Eletrobrás vivia uma rotina de apagões. Empresa só virou realidade com Jango

No Carnaval de 1954, os foliões brincaram nas ruas do Rio de Janeiro ao som de uma marchinha que debochava de uma mazela que infernizava a capital do Brasil: os apagões quase diários. A marchinha "Vaga-Lume", na voz de Violeta Cavalcanti, denunciava: "Rio de Janeiro / Cidade que nos seduz / De dia falta água / De noite falta luz".

A eletricidade capenga não era um problema exclusivo do Rio. Afetava o Brasil inteiro. Enquanto as maiores cidades penavam com cortes recorrentes de luz, grande parte do interior do país virava as noites no breu, numa situação ainda pior, sem energia elétrica nenhuma.

Um mês depois daquele Carnaval, o presidente Getúlio Vargas

deu o pontapé num ambicioso plano para finalmente pôr o sistema elétrico brasileiro em ordem. Em abril de 1954, ele enviou ao Congresso um projeto de lei que autorizava o governo a fundar uma estatal chamada Eletrobrás.

Papéis históricos conservados pelo Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que Apolônio Sallés (PSD-PE) foi um dos senadores que levantaram a bandeira da Eletrobrás. "Dotando o país com energia elétrica abundante, a Eletrobrás há de representar o marco decisivo na caminhada econômica do Brasil", defendeu.

A criação da Eletrobrás marcaria, de fato, uma mudança e tanto no Brasil. Em meados do século passado, a geração e a distribuição de energia cabiam basicamente à iniciativa privada. O setor era repartido entre a americana

Amforp e a canadense Light, que concentravam seus esforços no abastecimento das grandes cidades do país. A Light detinha a nata do mercado: o eixo Rio-São Paulo.

Diante do desinteresse das duas multinacionais pelas regiões pouco lucrativas, os estados ricos se incumbiam de levar a eletricidade às cidades mais afastadas. O governo paulista, por exemplo, criou as Usinas Elétricas do Parapanema. O Governo mineiro era dono das Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig).

Em todas as situações, contudo, a produção de eletricidade era pífia e as redes de alta tensão, que distribuíam a energia, eram minúsculas e isoladas. Nenhuma das empresas conseguia dar conta da demanda, que crescia exponencialmente. Era a época em que os brasileiros trocavam o campo



LUTA POLÍTICA Getúlio se matou em 1954, denunciando a oposição à criação da Eletrobrás, instalada só em 1962 pelo presidente João Goulart

pela cidade e a economia passava de agrícola a industrial. Os novos tempos eram da eletricidade.

Para o presidente Vargas, o governo só conseguiria garantir o suprimento energético necessário à industrialização do Brasil se possuísse uma empresa estatal encarregada de fazer o planejamento de todo o sistema elétrico nacional, construir usinas (em especial as hidrelétricas) e erguer torres com linhas de transmissão – sem a seletividade capitalista das companhias privadas nem a visão local e limitada das empresas estaduais.

“O problema da energia elétrica reclama atuação vigorosa e urgente de parte do poder público, para que as dificuldades atuais sejam debeladas e o país venha a dispor no menor prazo possível da energia de que necessita para o seu desenvolvimento”, escreveu Vargas na justificativa que acompanhou o projeto de lei endereçado ao Congresso em 1954.

A ideia era que a Eletrobrás não detivesse o monopólio da energia elétrica, mas trabalhasse em coordenação com os grupos que já atuavam no mercado. O presidente vinha embalado pela recente criação da Petrobrás. A estatal do petróleo criada por ele havia sido aprovada poucos meses antes. O

projeto da Eletrobrás, entretanto, não teve vida fácil no Congresso.

Vargas não viu a Eletrobrás tornar-se realidade. A proposta se arrostou pelas comissões do Senado e da Câmara e só conseguiu sair do papel oito anos e quatro presidentes da República depois. O projeto seria aprovado em 1961, e a empresa começaria a funcionar em 1962. Getúlio se matou em 24 de agosto de 1954.

GETÚLIO VARGAS, NA CARTA- TESTAMENTO: “A ELETROBRÁS FOI OBSTACULADA ATÉ O DESESPERO. NÃO QUEREM QUE O POVO SEJA INDEPENDENTE”

Na carta-testamento, ele citou o movimento daqueles que se opunham à Eletrobrás: “A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. Quis [eu] criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás. Mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o povo seja independente”.

A faixa inaugural da Eletrobrás seria cortada em 1962, pelo presidente João Goulart e pelo primeiro-ministro Tancredo Neves, durante o breve período em que o Brasil experimentou o parlamentarismo.

A Eletrobrás acabaria incorporando as suas adversárias históricas. A Amforp foi comprada pela estatal em 1964. A Light, em 1979. Graças à atuação da nova empresa, a capacidade instalada no Brasil entre 1960 e 1980 aumentou 600%, passando de 5 GW para 34 GW, o que sustentou o “milagre econômico brasileiro” da década de 1970. Atualmente, a capacidade é de 150 GW. • **Agência Senado**



**O COMBUSTÍVEL DE
BOLSONARO É A MENTIRA**

Na guerra de versões sobre a explosão dos preços dos combustíveis e gás de cozinha, Bolsonaro tenta transferir sua responsabilidade com mentiras e distorções

Reginaldo Lopes

No futuro, os historiadores irão estudar o período do governo Bolsonaro e



encontrarão apenas uma única coerência – o constante e imutável uso de mentiras pelo presidente da República. Inverdades e distorção dos fatos sempre alimentaram seu discurso tortuoso.

No caso dos aumentos dos combustíveis e do gás de cozinha, que se tornaram uma preocupação presidencial apenas agora nas vésperas das eleições, Bolsonaro construiu uma narrativa mentirosa para confundir a população e se isentar da enorme responsabilidade do governo pelos abusos quase semanais desses produtos.

De forma capciosa, o governo quer apresentar como culpados os impostos estaduais e, por consequência, os governadores. Na versão de Bolsonaro, os preços dos combustíveis e gás de cozinha sobem porque os governadores não querem renunciar aos tributos, mesmo que as alíquotas do ICMS em quase todos os estados não tenham sido majoradas nos últimos anos.

A raiz do problema encontra-se no Preço de Paridade de Importação (PPI), uma política de reajustes definida ainda em 2016, após o impeachment de Dilma Rousseff, e sustentada pelo atual governo.

Com essa política, a Petrobrás abriu mão de controlar

diretamente os valores dos combustíveis para determiná-lo conforme as cotações do petróleo no mercado internacional. A variação dos preços dos derivados praticados pela estatal

fica ligada basicamente a fatores como a cotação do barril no mercado externo, à variação cambial e aos custos com a importação – tais como frete, despesas de seguro de carga, despesas de cabotagem, o valor dos encargos aduaneiros etc.

O mais absurdo é que essa política é praticada também para os derivados produzidos e refinados no país. Apesar da Petrobrás extrair quase todo o petróleo em território brasileiro – e refinando cerca de 80% dos combustíveis consumidos

no país –, nós pagamos como se todos os produtos derivados fossem importados. Não só em termos de dólar, mas pagamos até por custos portuários e de transporte inexistentes.

Com a desvalorização recorde da nossa moeda frente ao dólar, resultado do descontrole da economia no governo Bolsonaro, os preços dos combustíveis aceleram para cima em sintonia com as altas internacionais, mas raramente são reduzidos quando ocorre baixa. Interfere na alta dos preços também ao desmonte programado da empresa, por meio da alienação de suas refinarias, empresas subsidiárias, controladas e coligadas.

A lesiva política praticada agrada apenas o mercado financeiro e aos investidores internacionais, que são os únicos que atualmente ganham com os frequentes reajustes. Os resultados financeiros da Petrobrás no ano passado renderam o pagamento de dividendos para seus acionistas em R\$ 63,4 bilhões.

É possível reduzir os preços dos combustíveis, sem fragilizar ainda mais as finanças dos estados, e ainda retomar o papel verdadeiro da Petrobras, que assegure o abastecimento de derivados a preços justos, auxilie no crescimento econômico do país e permita o acesso energético a todos os brasileiros, principalmente os mais vulneráveis. Basta interromper a política do PPI, um sistema que beneficia somente o mercado financeiro e assalta o povo brasileiro. •

**APESAR DA
PETROBRÁS
EXTRAIR QUASE
TODO O PETRÓLEO
NO PAÍS, PAGAMOS
COMO SE TODOS
DERIVADOS
FOSSEM
IMPORTADOS**

* Deputado federal por Minas Gerais, é líder do PT na Câmara dos Deputados.



HOMENAGEM No Senado, Memorial às Vítimas da Covid foi inaugurado pela cúpula da antiga CPI da Pandemia

ALTA DE CASOS DE COVID PREOCUPA

Ômicron volta a disparar número de mortes e infecções por covid-19. País tem 1.129 mortes em 24 horas. Média móvel sobe para 840 óbitos, enquanto registro de infecções completa um mês acima de 100 mil por dia. Senado homenageia os 641 mil mortos

O Brasil patina no andamento da vacinação infantil contra a Covid-19. Além do atraso para iniciar o processo, o país levou triplo do tempo da Argentina para vacinar 15% de crianças entre 2 e 11 anos. Enquanto isso, desde janeiro, a variante ômicron fez disparar o número de infecções e óbitos pela doença.

Segundo o consórcio de veículos de imprensa, pelo segundo dia seguido, o Brasil registrou na última semana mais de 1 mil vítimas fatais em um único dia. Na quinta-feira, 17, foram 1.129 mortes diá-

rias por causa da doença, elevando a média de mortes diárias para 840 óbitos. Do mesmo modo, há um mês, a média móvel de casos está acima dos 100 mil. Em 14 estados e no Distrito Federal, há alta súbita de mortes. No total, o país ultrapassou 641.997 óbitos e 27.941.476 casos da doença.

Há semanas, o neurocientista Miguel Nicolelis vem alertando autoridades sobre as consequências de um relaxamento de medidas não farmacológicas de combate à pandemia, combinada a um atraso na vacinação, em especial das crianças. Na semana anterior, o pesquisador chamou a atenção

para o aumento explosivo do número de óbitos do registro civil em janeiro, o mais letal em comparação aos períodos anteriores. Foram 144 mil óbitos em janeiro deste ano, ante 137 mil em 2021, e 112 mil, em 2020.

Para o cientista, o mês de janeiro de 2022 apresenta “fortes indícios” de subnotificação de óbitos por Covid-19, após análise de atestados de óbitos registrados no portal da transparência. “É a única base de dados neste momento que permite estimar o verdadeiro impacto da pandemia em termos de excesso de óbitos”, alerta Nicolelis.

Como se não bastasse, o surgimento da subvariante da ômicron, a BA.2, aponta para uma transmissibilidade ainda maior do que a BA.1, esta mais transmissível do que a delta. O quadro preocupa autoridades de saúde. “Estamos vendo aumentos proporcionais da BA.2, que é mais transmissível que a BA.1”, adverte a líder técnica da resposta à pandemia de covid-19 da Organização Mundial da Saúde (OMS), Maria Van Kerkhove.

Homenagem

Na terça-feira, 15, uma homenagem às vítimas da pandemia foi prestada em Brasília, ainda que o governo tenha ficado absolutamente indiferente. Foi inaugurado o Memorial às Vítimas da covid-19 no Brasil. Localizado no Senado, o memorial tem estruturas que simbolizam velas em homenagem às vítimas da doença. Os senadores Fabiano Contarato (PT-ES), Humberto Costa (PT-PE), Jean Paul Prates (PT-RN), além de Rogério Carvalho (PT-SE), participaram da cerimônia.

“Este memorial, construído por sugestão da CPI da Pandemia, tem o objetivo de deixar vivo na memória brasileira o registro dos anos difíceis que passamos no enfrentamento da pandemia e a falta de responsabilidade política e sanitária do governo Bolsonaro”, disse Humberto. “É uma homenagem que prestamos às mais de 640 mil vítimas, seus familiares, amigos e ficará como uma grande marca para que jamais esqueçamos essa grande tragédia que viveu o país”.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), lembrou-se dos três senadores que perderam as vidas para a doença – Arolde Oliveira, José Maranhão e Major Olímpio –, além dos servidores do Congresso Nacional vitimados pela covid-19, bem como dos profissionais de saúde.

• Agência PT



VERGONHA EM MOSCOU

Negacionista no Brasil, Bolsonaro vai à Rússia e insinua que evitou guerra na Ucrânia. PT cobra gastos excessivos e questiona presença do filho na comitiva

Em menos de 24 horas em Moscou, o presidente Jair Bolsonaro causou constrangimento à diplomacia brasileira e vergonha em sua visita à Rússia. Ao desembarcar na capital russa, ele não foi recebido pelo presidente Vladimir Putin ou o ministro das Relações Exterior, Sergey Lavrov, na base aérea, mas pelo embaixador da Rússia no Brasil. Mas o pior ainda estava por vir. Contrariando sua conduta em território nacional, Bolsonaro teve de se submeter a testes de Covid-19 por exigência do Kremlin.

“Bolsonaro é uma vergonha mundial”, comentou o senador Humberto Costa (PT-PE). O líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA), criticou a inclusão, na comitiva, do filho do presidente, Carlos. “Bolsonaro disse que leva o Carluxo porque ele ‘dorme no seu quarto’”, ironizou.

Senadores do PT também zombaram da situação do Chefe de Estado brasileiro, lembrando que, em recente visita a Moscou, o presidente da França, Emmanuel Macron, e o chanceler alemão Olaf

Scholz, se recusaram a fazer testes para evitar que o governo russo coletasse material genético.

“Na Rússia, Bolsonaro é obrigado a seguir todos os protocolos de saúde estabelecidos pelo Kremlin”, ironizou o senador Rogério Carvalho (PT-SE). A posição submissa do líder brasileiro contrasta com a altivez do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, recebido como Chefe de Estado na Europa em novembro passado.

No encontro com Putin, imagens de Bolsonaro, constrangido diante do líder russo, sem conseguir sustentar o olhar e encará-lo, rodaram as redes sociais ao longo da semana. Humberto lamentou: “Constrangimento total”. Ele criticou Bolsonaro pelos gastos milionários no cartão corporativo durante a viagem. E Rogério ironizou as fake news espalhadas por Carlos Bolsonaro. “Na expectativa dos bolsonaristas, Bolsonaro iria para Rússia impedir a Terceira Guerra Mundial”, zombou. A CNN desmentiu que tenha noticiado que Bolsonaro evitou a guerra na Ucrânia”. •

O QUE PENSA A POPULAÇÃO NÃO-POLARIZADA



Estudo do Noppe mostra que o 'excesso de poder' e a corrupção dos 'mais ricos' seriam os responsáveis, junto da classe política, por tornar a vida dos brasileiros difícil e penosa. Já o quadro político e eleitoral é de estagnação, e Lula na frente da corrida

Matheus Tancredo Toledo

Neste artigo, trazemos as análises do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos, da Fundação Perseu Abramo, abordando os resultados do estudo mais recente do próprio Noppe, intitulado "Percepções e Valores da Sociedade Brasileira Não-Polarizada". As últimas pesquisas realizadas pelos institutos mostram que avaliação do governo Bolsonaro segue estagnada e cenários eleitorais cristalizados, sem grandes alterações.

O estudo do Noppe, realizado com metodologia qualitativa de entrevistas em profundidade, traz como principal resultado a heterogeneidade da camada da população pesquisada, que circula por valores progressistas e conservadores de forma não-linear baseados em experiências muito próprias.

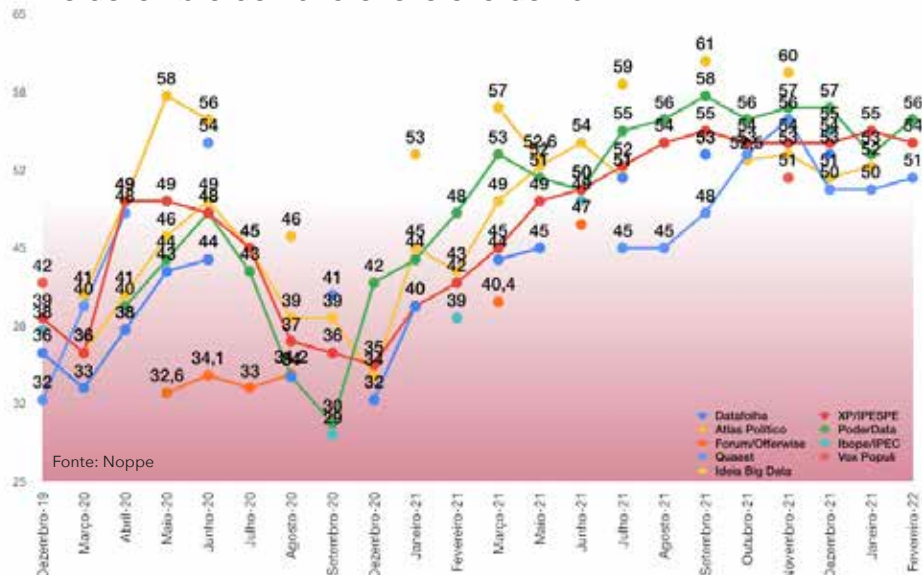
Detectamos a tendência de aceitação maior entre jovens e mulheres de valores vinculados aos direitos civis e às liberdades individuais, bastante próximos ao progressismo. Resultados que dialogam com o que trabalhamos em artigos anteriores redigidos

para a Focus Brasil - visto que ambos são segmentos que rejeitam fortemente o bolsonarismo.

O conservadorismo deste perfil organiza-se muito por conta do debate sobre a autonomia da mulher, em especial na rejeição à legalização do aborto e na percepção da divisão sexual do trabalho. Há reconhecimento de existência de preconceitos, de ordem racial e de gênero, com receptividade bastante ampla ao casamento civil para a população LGBTQIA+ e também à adoção por casais não-heteronormativos. Aprofundamos tal análise em [artigo recente para a revista Teoria](#)

Avaliação negativa do governo Bolsonaro

Entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2022



Fonte: Noppe

e *Debate*, também editado pela Perseu Abramo.

O 'excesso de poder' e a corrupção dos 'mais ricos' seriam os responsáveis, junto da classe política, por tornar a vida dos brasileiros difícil e penosa. Para superar tal condição, tais segmentos veem a saída nos valores ligados ao trabalho, com um pensamento bastante vinculado à persistência e resiliência frente às inúmeras adversidades que o povo brasileiro convive, numa percepção de que ele trava uma batalha diária pela sobrevivência.

Com base nisso, essa faixa da população vê o 'trabalhador' como virtude, e não como uma posição na sociedade de classes – que estaria organizada em torno do que distingue "ricos", "pobres" e "classe média".

Quadro político e eleitoral

Os cenários eleitorais seguem estagnados, de acordo com a pesquisa Ipespe. Lula (PT) mantém o mesmo patamar, por volta de 43%, desde agosto de 2021. Bolsonaro (PL) mantém-se por volta dos 25% desde novembro do mesmo ano. O Ipespe traz ainda empate entre Sergio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT): 8%. João Doria tem 3%, seguido por

André Janones (1%).

A distância entre Lula e Bolsonaro em um eventual segundo turno segue a mesma desde setembro do ano passado, por volta de 23 pontos percentuais de vantagem para o ex-presidente – neste levantamento, 54% a 31%. Em um improvável segundo turno entre Moro e Bolsonaro, há mais brasileiros que optam por não escolher entre ambos (38%) do que brasileiros que escolhem o ex-juiz (32%) ou o atual presidente (30%).

Já a pesquisa do PoderData traz tendências distintas do Ipespe e de outros institutos mencionados em artigos feitos anteriormente para a Focus Brasil. Lula segue na liderança com 40%, mas sua vantagem teria caído 5 pontos em um mês. Bolsonaro agora tem 31%.

O levantamento mostra que teria havido uma queda na vantagem no segundo turno, na ordem de 7 pontos percentuais. Agora são 15 pontos de vantagem para Lula, que tem 50% das intenções de voto contra 35% de Bolsonaro. No cenário do primeiro turno, Moro teria 9% e Ciro 4% – outros levantamentos têm apontado para empate entre ambos. Por fim, Doria teria 3%, seguido por 2% de Janones.

De acordo com a mais recente

pesquisa do Ipespe, a avaliação do governo Bolsonaro segue estável, com 54% de reprovação e 24% de aprovação – mantendo o mesmo patamar desde agosto, considerando a margem de erro de 3,2 pontos percentuais. O mesmo é demonstrado na pesquisa PoderData: 56% avaliam o governo como ruim ou péssimo, enquanto 28% o consideram ótimo ou bom – sem variação desde o último levantamento.

O levantamento Ipespe foi realizado entre 7 e 9 de fevereiro, com 1 mil entrevistas telefônicas, feitas por operador humano, e margem de erro de 3,2 pontos percentuais. Já a pesquisa PoderData foi realizada entre 13 e 15 de fevereiro, com 3 mil entrevistas telefônicas (operador automático) e margem de erro de 2 pontos.

Segundo o Ipespe, a maioria da população (63%) considera que a economia brasileira está no caminho errado. Há uma possível queda desta percepção, visto que em novembro eram 69% – um empate técnico, no limite da margem de erro. Houve aumento, dentro da margem, da percepção de manutenção do emprego – de 60% para 65% desde o último levantamento.

Apesar da possível melhora nas expectativas, quando o assunto é inflação e endividamento, o cenário é outro: 71% consideram que houve aumento significativo nos preços no último período. E outros 25% reconhecem que houve aumento em alguma intensidade. Em relação ao futuro, 63% esperam mais aumento daqui para frente, 21% esperam manutenção e somente 12% relatam que haverá diminuição. Alia-se a isso, a baixa expectativa de redução do endividamento próprio no próximo período: somente 23% esperam tal feito. •

Para conferir os resultados completos do estudo, acesse neste [link](#).

BRASIL, POTÊNCIA AMBIENTAL

Penildon Silva Filho

O Brasil tem condições de se tornar a grande potência ambiental do planeta no século 21. Temos um potencial de energia eólica, solar e hidrelétrica imenso; um patrimônio de sociobiodiversidade na Amazônia que é um ativo econômico estratégico em biotecnologia, genética, farmacologia, cosméticos.

Podemos ainda realizar um processo de reindustrialização verde que interrompa a escalada da reprimarização de nossa economia e termos produtos de maior valor agregado. Já contamos com muitos empreendimentos de agroecologia e plantio de produtos de grande valor em agroflorestas. Todo esse potencial é uma grande oportunidade para geração de empregos e empreendimentos ligados à agricultura familiar e orgânica, às comunidades tradicionais dos diferentes biomas.

Por fim, ainda temos uma grande reforma urbana e ambiental com altos investimentos em saneamento básico, mobilidade, ha-

bitação, reconstrução de nossas cidades e criação de áreas verdes criarão milhões de empregos.

Trata-se de um caminho para um novo tipo de desenvolvimento, a transição socioecológica, e esse caminho recolocará o Brasil no cenário internacional, no qual os governos Lula e Dilma proporcionaram ao país ser um grande articulador e fomentador dos acordos de preservação ambiental e mitigação da emissão de carbono na atmosfera.

O Brasil nos últimos anos aprofundou um caminho equivocado economicamente, concentrador de renda e destruidor do meio ambiente. Aprofundamos nosso perfil de “colônia de extrativismo”, que fomos desde a chegada dos colonizadores às terras do Brasil, com diferentes ciclos de exportação de matéria prima, pilhagem de recursos naturais e concentração de renda e poder: os ciclos do Pau-Brasil, da cana de açúcar, do ouro, da borracha, do café.

Tivemos no século 20, especialmente a partir da industrialização do período Vargas, da criação da Petrobrás, do plano

de metas de Juscelino Kubitschek, da industrialização durante a ditadura militar, uma mudança no perfil de nossa economia. A indústria chegou a responder por 30% do PIB em 1980, mas um longo processo de reprimarização da economia começou no governo FHC e foi acelerado nos governos Temer e Bolsonaro.

Convertemo-nos em uma economia que produz matéria-prima para o mundo industrializado, como soja, café, milho, açúcar, laranja, minérios de ferro e outros. São produtos de baixo valor. E compramos os produtos tecnológicos dos países centrais – China, EUA e Europa –, de alto valor agregado.

Nos governos Lula e Dilma, chegamos a montar uma estrutura de indústria do petróleo, indústria naval e construção civil e pesada que firmou o Brasil como referência nessas áreas, e tornamos o parque das universidades e centros de pesquisa forte e com produção científica e tecnológica com equiparação às maiores economias.

Entretanto, a Lava Jato e o neoliberalismo anacrônico e fun-

damentalista destruíram esses patrimônios e tornamo-nos uma grande fazenda para produção de artigos primários, a um custo ambiental assustador.

Tal custo ambiental é tão alto que as próprias potências centrais que se beneficiaram com a produção dessa pauta primária anunciam que podem levantar barreiras comerciais ao Brasil por conta da destruição das florestas, do uso de agrotóxicos e do passivo ambiental provocado por uma atividade mineradora predatória, que precisa de uma redefinição e uma readequação aos parâmetros da razoabilidade e da segurança para a vida das pessoas.

A preservação e o reflorestamento da floresta amazônica são essenciais para que atinjamos as metas com as quais nos comprometemos, de redução da emissão de carbono, em 2015 no governo Dilma. Ao mesmo tempo, sem a floresta amazônica, o regime de chuvas diminui, colocando em risco o próprio agronegócio e a geração de energia elétrica nas barragens no Centro Sul do país.

Pagamos hoje uma conta de luz altíssima e temos quebra de safras como consequência da falta de visão de um projeto de sustentabilidade. Um amplo programa de reflorestamento, de preservação e revitalização do bioma amazônico e dos demais biomas que correm risco, como o Pantanal, o Cerrado e a Mata Atlântica, gerará pelo menos 2 milhões de empregos diretos, em estimativas razoáveis.

A floresta de pé com os rios fluindo já testemunha experiências mais rentáveis e sustentáveis do que as atividades de plantação de soja ou pecuária. O plantio de açaí, no Pará, não é a única experiência exitosa, que mantém a floresta preservada, produz riqueza e não emite carbono por não ter queimadas e agrotóxicos.

A rentabilidade do açaí é cinco

vezes maior do que a soja, e 10 vezes a da pecuária extensiva. Além disso, a riqueza produzida fica para a comunidade local, organizada em cooperativas. Podemos fazer mais. Precisamos de programas de estímulo às agroflorestas com comunidades tradicionais, agricultura familiar, indígenas, com financiamento de bancos oficiais e apoio técnico da Embrapa, que conta com gente qualificada para esse grande projeto de redefinição do perfil produtivo.

Essa produção, assim como

CONVERTEMO-NOS EM UMA ECONOMIA QUE PRODUZ MATÉRIA-PRIMA PARA O MUNDO INDUSTRIALIZADO, E COMPRAMOS OS PRODUTOS TECNOLÓGICOS

a do cupuaçu, da pupunha e de mais de 50 produtos da floresta podem ser beneficiadas, agregar valor com uma industrialização para alimentar nosso grande mercado interno com produtos hoje importados.

Meio ambiente também são as cidades, que concentram mais de 70% de nossa população. Vivemos hoje em cidades não planejadas, grandes amontoados sem qualidade de vida ou um equilíbrio ambiental. Contamos com um déficit de 35 milhões de pessoas não

têm acesso a água potável, e 100 milhões dos quase 212 milhões de brasileiros não têm sistema de esgoto sanitário.

As águas residuais nesses locais são lançadas sem tratamento na rua ou em rios, lagos e no mar. Esse é um problema ambiental!

O investimento para resolver esse problema urbano e ambiental demandará mais de R\$ 450 bilhões por anos, e fará a construção civil voltar a ser a grande geradora de milhões de empregos para os brasileiros. A mobilidade urbana e a construção de habitação para o povo também gerarão empregos e desconcentrarão a renda, mas devem estar acompanhadas de uma política de sustentabilidade ambiental, seja usando energia solar em futuros empreendimentos do Minha Casa Minha Vida ou investindo em mobilidade elétrica (carros, ônibus, trens, metrô, caminhões), o que por si só abre toda uma fronteira de novos empreendimentos científicos, tecnológicos e industriais.

Lula e Dilma deixaram o Brasil com autoridade moral internacional para falar em nome do “Sul Global”, propugnando por uma ordem mundial com menos desigualdade, com inclusão social e que promova uma transição energética e para uma economia de baixo carbono ou até com emissões neutras.

Os dois governos golpistas que se seguiram depois do PT arranharam o patrimônio diplomático brasileiro, mas a comunidade internacional aguarda a volta de Lula para ser o melhor intérprete desse mundo diferente socialmente e viável ambientalmente para a sobrevivência humana. Trata-se agora de aprender com o caminho aberto pelos governos do PT em 13 anos e aprofundar as políticas visando uma transição socioecológica. •

* Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento do PT



COMO O PT SALVOU O BRASIL: REFLEXOS SETORIAIS DO CRESCIMENTO

Entre 2003 e 2016, com o PT, o Brasil deu um salto na economia, tendo ampliação e crescimento em setores vitais, como indústria manufatureira, automotiva, de cimento, naval e a agropecuária

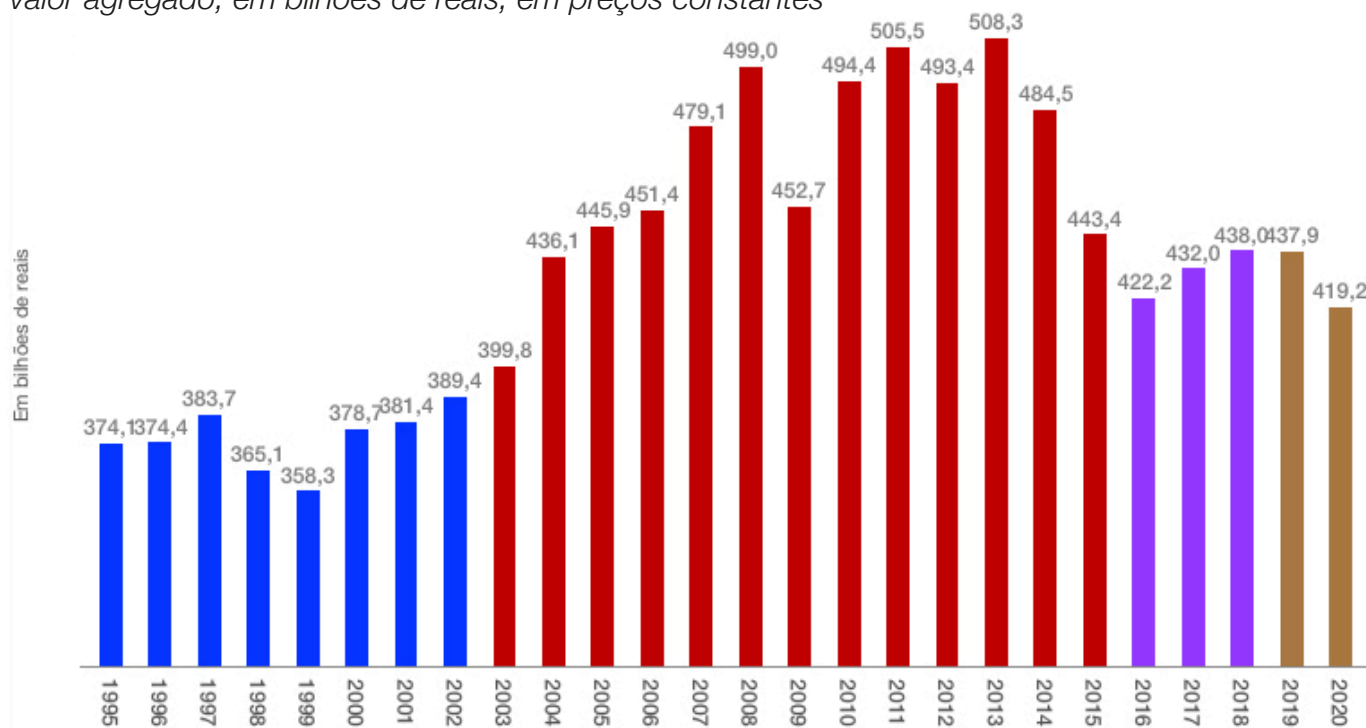


**Eduardo Fagnani *, Gerson Gomes ** e
Guilherme Mello *****

* Doutor em Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da Unicamp. ** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. *** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica, da Unicamp.

Evolução da indústria manufatureira

Valor agregado, em bilhões de reais, em preços constantes



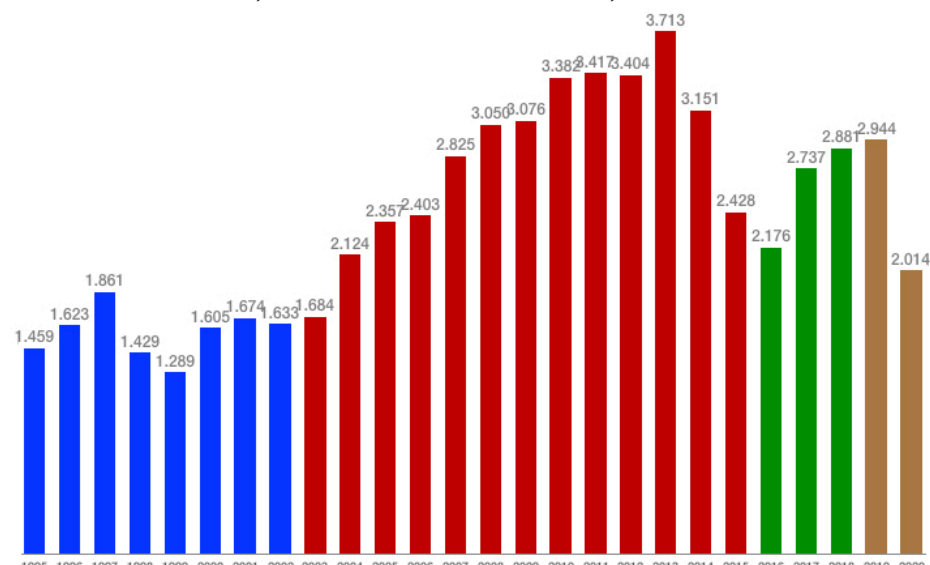
Fonte: IPEADATA. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século 21, maio de 2021

Este é o décimo quarto de uma série de artigos organizada para oferecer fatos e números que desconstruam as mentiras circulantes segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”. Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade dessa narrativa apresentando fatos e números do comportamento de diversos indicadores econômicos. Mostramos que, absolutamente, os dados não indicam que a economia, ao cabo dos governos petistas, estivesse vivendo “crise terminal”.

Nos artigos já publicados mostramos que nos governos Lula e Dilma o Brasil voltou a crescer e a redistribuir os frutos deste crescimento. Houve expansão econômica e do PIB por habitante, da taxa de investimento, do investimento público federal e da capacidade produtiva do país medida pelo indicador formação bruta de capital fixo”.

Produção de automóveis

Indústria brasileira, em milhões de unidades, entre 1995 e 2020



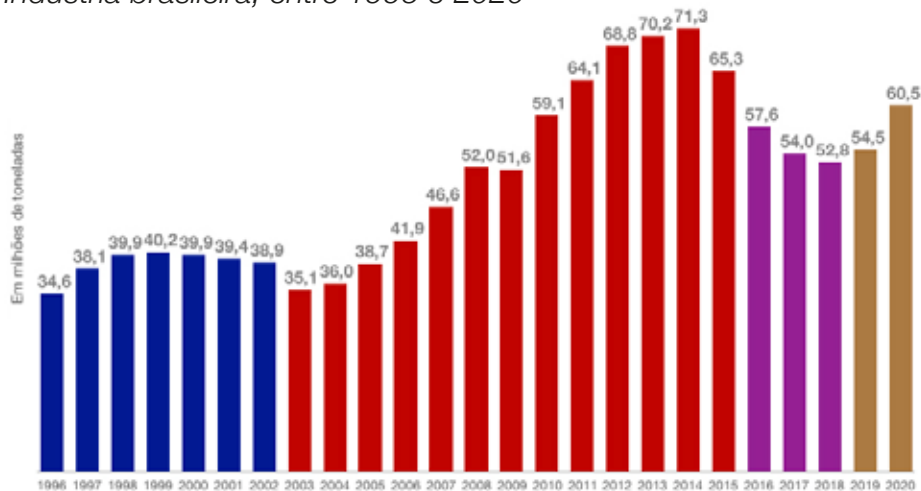
Fonte: Anfavea. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século 21, maio de 2021.

Neste artigo, ressaltamos, como exemplo, os reflexos do crescimento em setores econômicos selecionados: indústria manufatureira, setor automotivo, produção de cimento, indústria naval, complexo de carnes, produção de grãos, produção de cana-de-açúcar, viagens aéreas nacionais e internacionais e construção naval.

Em preços constantes, o valor agregado da indústria manufatureira subiu de R\$ 389,4 bilhões, em 2002, para R\$ 508,3 bilhões, em 2013. Um acréscimo de 30% – gráfico 1. A queda em 2014 e 2015 decorreu da desaceleração da economia em função de um conjunto de fatores, dentre os quais se destacam os impac-

Produção de cimento

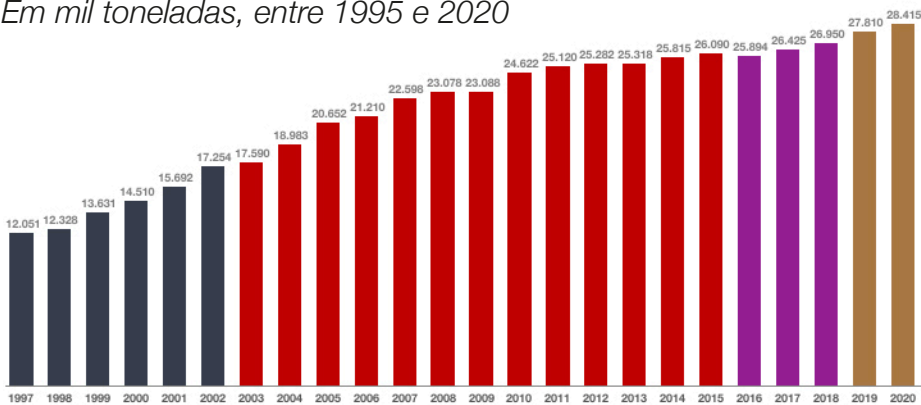
Indústria brasileira, entre 1995 e 2020



Fonte: IPEADATA/SNIC. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século 21, maio de 2021.

Produção do complexo de carne

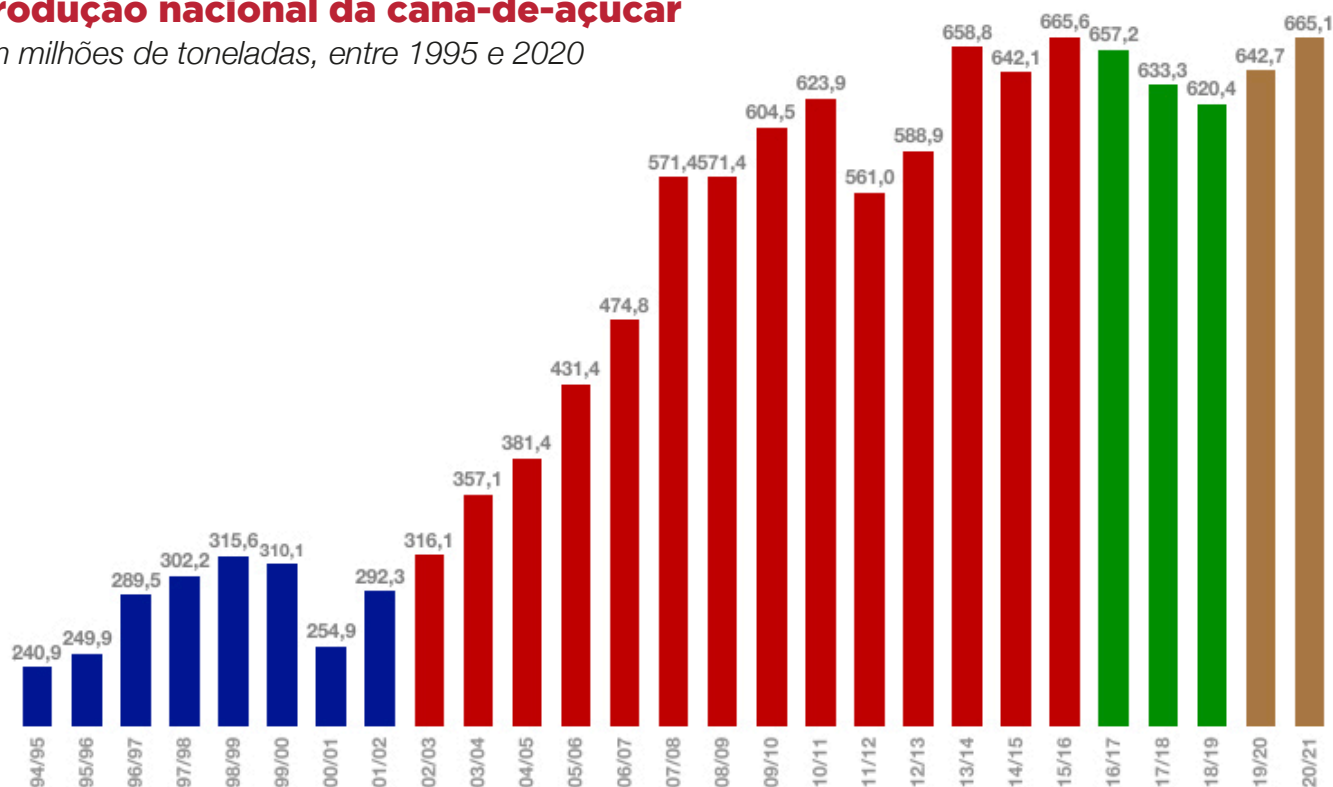
Em mil toneladas, entre 1995 e 2020



Fonte: Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século 21, maio de 2021.

Produção nacional da cana-de-açúcar

Em milhões de toneladas, entre 1995 e 2020



Fonte: CONAB. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

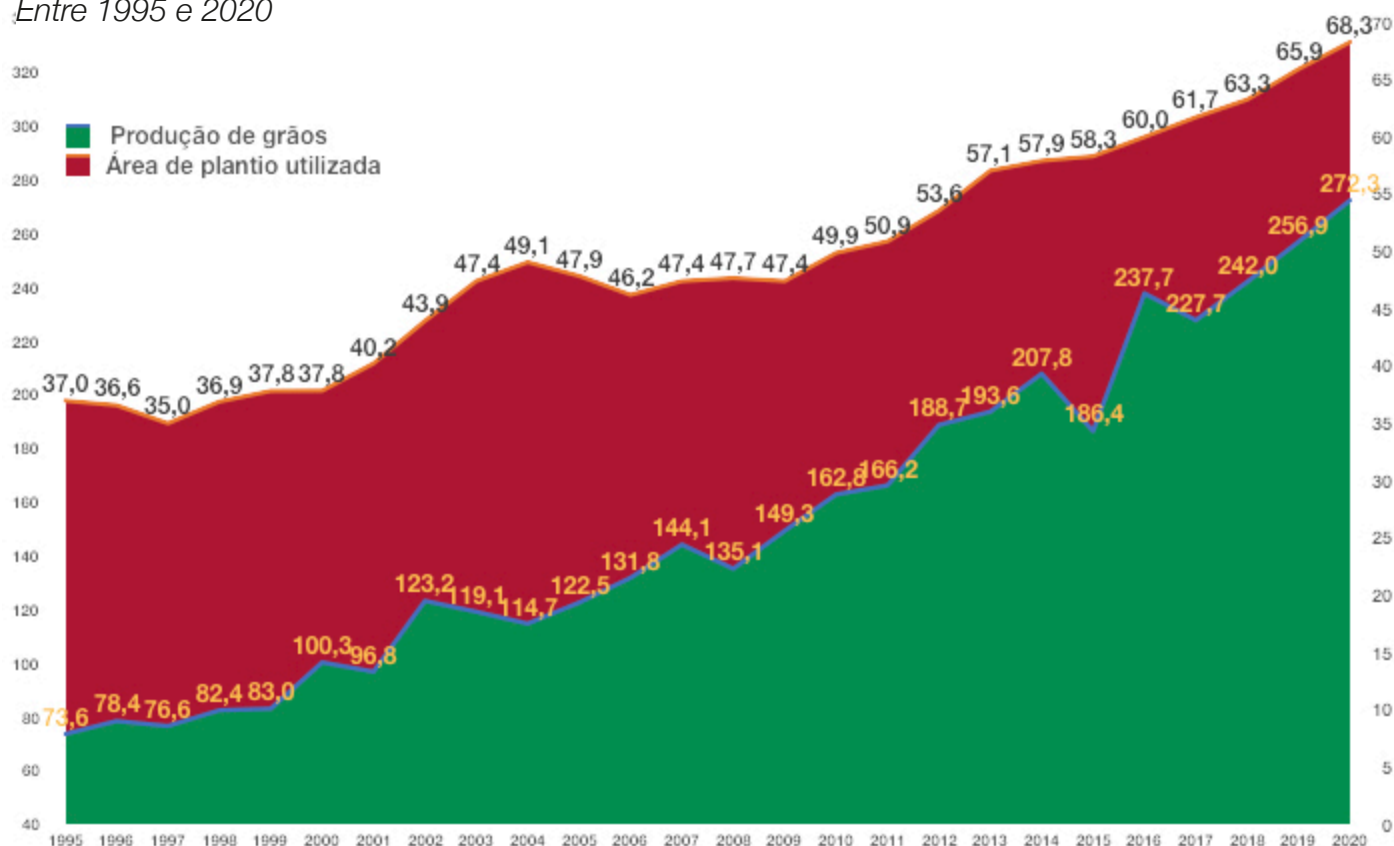
tos defasados das mudanças induzidas pela crise de 2008 e 2009 no cenário externo, inflexão nos rumos da economia, agravamento da crise política e efeitos disruptivos da chamada Operação Lava Jato, que destruiu setores produtivos e empregos, em sua estratégia para desmontar as empresas nacionais.

Tais resultados também refletem o fato de que a partir da reeleição da presidenta Dilma Rousseff, a oposição passou a apostar no golpe, na instabilidade institucional e na imposição de limites legislativos para a condução da política econômica.

Entre 2002 e 2013, a produção de veículos automotores mais que duplicou, passando de 1,6 milhão de unidades para 3,7 milhões. Um crescimento de 127%. Em 2014 e, sobretudo em 2015, houve queda na produção em função dos fatores políticos e econômicos mencionados – gráfico 2. Embora tenha registrado os-

Produção de grãos e área utilizada para plantio

Entre 1995 e 2020



Fonte: CONAB. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021

cilações, a tendência à contração do setor acentuou-se nos anos seguintes, com o que a produção, em 2020, situou-se em patamar inferior a 2004.

Entre 2002 e 2015, a produção de cimento subiu de 38,9 milhões para 65,3 milhões de toneladas. Um acréscimo de 67,8%, após atingir o pico de 71,3 milhões de toneladas em 2014 – gráfico 3.

Agropecuária

A produção brasileira do complexo de carnes subiu de 17.254 mil toneladas (2002) para 25.894 mil toneladas (2015), crescimento de 50,1% (gráfico 4).

Já a produção de grãos, estimulada pelo aumento da demanda e dos preços externos das commodities agrícolas, teve aumento expressivo durante os governos do PT, passando de 106,8 milhões de toneladas – média do triênio 2000-2002 –

para 210,6 milhões de toneladas – média entre 2014 e 2016.

Esse aumento de 97,2% foi puxado principalmente pelo crescimento da produtividade, já que a área cultivada, embora nos anos recentes tenha tido crescimento acelerado, teve expansão bem menor, da ordem de 44,7% (gráfico 5).

A produção de cana-de-açúcar praticamente duplicou nos governos Lula e Dilma, saltando de 316,1 milhões de toneladas, entre 2002 e 2003, para 624,1 milhões de toneladas, em 2015 e 2016 – gráfico 6.

Viagens aéreas

Nos governos petistas, por conta, sobretudo, do crescimento da economia e do aumento do emprego e renda, houve aumento de 140% no número de passageiros por quilômetro transportado, tanto nas linhas

internacionais e domésticas, passando de 48,3 mil para 117,1 mil entre 2002 e 2015.

Os reflexos do crescimento em setores econômicos específicos, também pode ser percebido pela criação de empregos. Exemplo emblemático é o caso da indústria naval, onde os empregos cresceram mais de 12 vezes entre 2002 e 2014, passando de 6,4 mil para 82,5 mil. Em 2015, pelas razões políticas e econômicas apontadas, houve queda para 57,0 mil. Com os governos Temer e Bolsonaro, os empregos na construção naval retrocederam para o nível observado em 2005.

Portanto, também no caso desses indicadores, não se sustenta a afirmação de que a “crise” que teria sido gerada pelos governos do PT teria sido “fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. •



RETRATO DO POVO O quadro "Segunda classe", de Tarsila do Amaral, de 1933, da terceira fase da pintora modernista, mostra o êxodo rural, quando as famílias deixam o interior em busca de emprego na cidade grande. Falta esperança

O ESTOPIM DO MODERNISMO

A Semana de Arte Moderna de 1922 colocou em xeque o Brasil provinciano pela via da artes. Mas, a cada efeméride – aniversário redondo – as releituras sobre seu significado ora crescem em interpretações críticas, ora em polêmicas rasas

Bia Abramo

O que aconteceu naquela Semana, em 1922, no Theatro Municipal? Foram apenas quatro dias, entre 13 e 17 de fevereiro, e um estrondoso fracasso de público e crítica? Ou é o marco da entrada do Brasil no modernismo? Desde o início deste ano, com a aproximação

do centenário da Semana de Arte Moderna, reavivaram-se questões que, a cada efeméride importante, provocam discussões acirradas e controversas, sobretudo na mídia corporativa e nas instituições acadêmicas.

No afã de abafar uma polêmica com outra, a *Folha* publicou texto do biógrafo Ruy Castro, no qual "denuncia" as relações entre os modernistas da Semana com

o governador Washington Luís. Segundo Castro, também há as ligações das comemorações dos 50 anos com o terceiro presidente de um dos períodos mais repressivos da ditadura, Emilio Garrastazu Médici.

Uma semana depois, José Miguel Wisnik, professor sênior de literatura brasileira na USP, publicou artigo em que rebate os principais equívocos e interpretações tortas



SEM FLA-FLU Professora da USP, Maria Augusta Fonseca é contra colocar em campos opostos os dois escritores do movimento, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. “Os dois têm os seus méritos”, lembra. Ao lado, retrato de Mário de Andrade, da artista Tarsila Amaral



do texto de Castro, classificando a Semana de Arte Moderna como uma “pauta cultural e midiática” que “rememora a eclosão de cenas de modernismo explícito”.

Entre elas, a exposição de Anita Malfatti no saguão do Municipal, as declamações de poemas, como “Ode ao Burguês”, de Mário de Andrade (“*Eu insulto o burguês-funesto! O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições! Fora os que algarismam os amanhã!*”) e leitura de trechos de “Os Condenados”, de Oswald de Andrade. Ou Villa-Lobos apresentando uma peça musical que levou indígenas a dançarem no palco daquele teatro.

“Esse é o happening, o auê da Semana”, afirma Maria Augusta Fonseca, professora sênior de literatura da USP e especialista nos dois grandes nomes da literatura modernista, Mário e Oswald. Ela conversou com a revista **Focus** sobre a importância cultural dos acontecimentos de 1922.

Colocados muitas vezes em oposição, por conta de trajetórias artísticas e intelectuais muito diferentes, a professora, que trabalha atualmente numa edição crítica da obra de Oswald de Andrade – a sair pela Edusp este ano com o título “Obra incompleta” – se diz contra o “Fla-Flu”.

“Mário é grande figura, é o

mentor que agrega, mas sou contra colocar o Oswald como o chutador. O Oswald trabalhava o texto literário com profundidade, acertando e errando”, aponta. “A primeira coisa que a gente deveria fazer é colocar o mérito dos dois, mas cada um a seu modo. O próprio Oswald reconhecia o Mário como a cabeça, o sujeito que já tinha com saber sedimentado, questionado, é já era um grande intelectual, inclusive no período anterior à Semana”.

**OSWALD
RECONHECIA O
MÁRIO COMO A
CABEÇA. E JÁ
ERA UM GRANDE
INTELECTUAL,
INCLUSIVE NO
PERÍODO ANTERIOR
À SEMANA DE 22**

E, no período anterior, havia Anita Malfatti, que em 1917 realiza uma exposição sintonizada com os movimentos na pintura europeus, como o cubismo e o expressionismo alemão. Ela foi muito mal-recebida pelos defensores da arte acadêmica e figurativa, entre eles o escritor Monteiro Lobato. Ele tinha uma coluna no jornal *O Estado de S. Paulo* e fez uma crítica demolidora sobre a exposição da artista: “(...) a única diferença das telas de Anita daquelas feitas nos manicômios, como terapia, é que a dos loucos é arte sincera”.

São Paulo, nas primeiras décadas do século 20, pela força do principal produto de exportação agrícola – o café –, o influxo de imigrantes e a rápida industrialização, torna-se a primeira metrópole no país. Bo censo de 1900, a cidade tinha 240 mil habitantes e alcançaria 1 milhão em 1928.

Será, portanto, no centro econômico da República Velha que as manifestações culturais e artísticas mais sintonizadas com as vanguardas europeias terão a maior possibilidade de eclodir. O grupo modernista, de fato, era não apenas recebido em salões da elite paulistana, como o de Olívia Guedes Penteado, como, muitas vezes financiado por mecenas, como Mário de Andrade



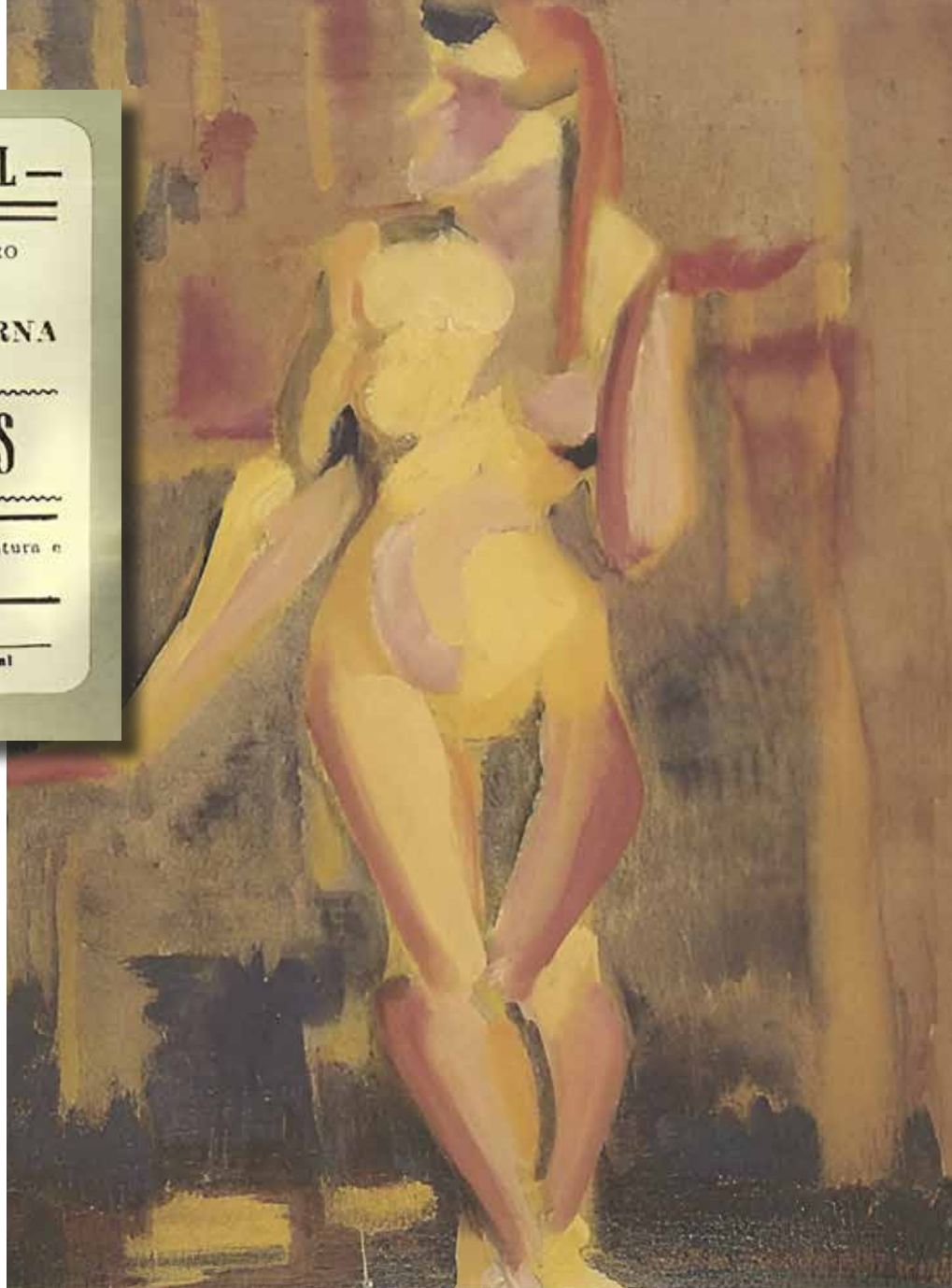
o foi em uma de suas viagens etnográficas pelo Norte e pelo Nordeste, registradas em "O Turista Aprendiz".

O "paulistocentrismo" e o elitismo da Semana de 1922, portanto, têm razões históricas que devem ser, na verdade, melhor contextualizadas à medida que a distância do tempo oferece mais pistas do que o contrário.

Segundo Fonseca: "São Paulo tinha uma situação que era mais de acontecer, ainda antes mesmo da Semana. O próprio Mário em 'O Movimento Modernista' afirma que os tempos de ouro estão antes da semana, quando eles discutiam, debatiam, se encontravam para fazer conferências. A exposição da Anita em 1917 alavanca e, a partir dela, as questões formuladas ali vão desaguando na Semana".

Desse grupo, também faziam parte outros escritores e poetas, como Cassiano Ricardo, Menotti De Picchia e Guilherme de Almeida e intelectuais como o historiador Sérgio Buarque de Holanda e o ensaísta Paulo Prado.

E, se a Semana foi um happening artístico e estético, ela acabou se desdobrando e ganhando profundidade. Ao cho-



PRECURSORA O quadro "Nu Cubista", de Anita Malfatti, de 1916, mostra que a artista plástica estava sintonizada com a vanguarda europeia. No destaque, acima, o cartaz anunciando a Semana de Arte Moderna em 1922

que estético nas artes e no pensamento sobre as artes, seguem vários desdobramentos.

Maria Augusta Fonseca explica: "Pela ordem, Oswald publica em 1924 as 'Memórias Sentimentais de João Miramar' e o 'Manifesto Pau-Brasil', do Oswald. Mário sai com 'Macunaíma', em 1928. E vem em vários formatos, ou seja, poesia, manifesto, romance, conto, ensaio. Chega uma série de produções literárias mais maduras, que inclusive já começam a fazer uma revisão crítica da Semana. (...) São vários períodos, se não fica uma balbúr-

dia, uma barafunda e muita gente na mídia está fazendo isso. A Tarsila, que não estava na semana, aparece na Semana".

A pintora Tarsila do Amaral, de fato, estava em Paris em fevereiro de 1922 e só chega ao Brasil alguns meses depois. Apresentada a Oswald, Mário e Menotti Del Picchi por Anita Malfatti, a pintora estabelece uma ateliê que se torna ponto de encontro dos modernistas. Em 1926, casa-se com Oswald e vão morar em Paris, onde Tarsila vai estudar com o pintor francês Pierre Léger.

É justo em 1926 que Fonse-

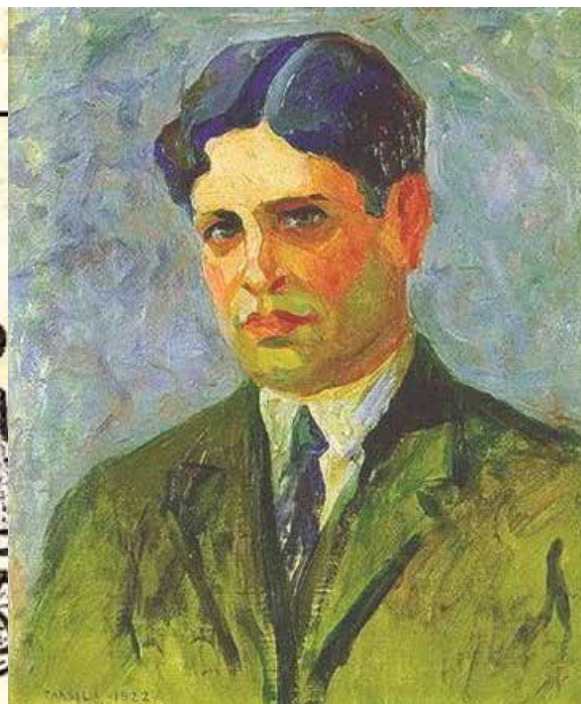
FUTURISMO



— Mas homem! Esse quadro está de cabeça para baixo!

— Não sabia... O outro que eu colloquei do mesmo jeito acaba de ser vendido.

— Bom... Então deixa como está.



POLÊMICA E CRÍTICA

Ao lado, charge ironiza o choque com as obras de arte modernistas e não-figurativas. Acima, retrato de Oswald de Andrade, pintado por Tarsila do Amaral em 1922

ca identifica o racha dos modernistas: "O grande divisor de águas vai ser ideológico. Vem o ultranacionalismo patriótico do 'verde-amarelismo' como resposta ao movimento Pau-Brasil, de Oswald. E forma-se o grupo da Anta, do qual farão parte Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, o fundador do integralismo no Brasil. Tudo isso, no entanto, se dissolve com o crash da Bolsa de Nova York. Vai tudo por água abaixo".

A quebra da bolsa de Nova York terá impacto global e, na Europa, os anos 1930 prenunciavam o fascismo na Espanha, na Itália e na Alemanha. Os diversos grupos modernistas nas artes continuarão produzindo e, ao mesmo tempo, engajando-se na luta política.

Tarsila, Oswald e a escritora e poeta Patrícia Galvão, a Pagu, se filiam ao Partido Comunista.

Pagu, autora de "O Parque Industrial", um romance sobre operários, seria presa 33 vezes. São desse período também telas de Tarsila como "Nossa Gente" ou "Operários", no qual o olhar da artista torna-se mais realista e até mesmo próximo do muralismo mexicano.

No entanto, nos anos 1930, a educação tem um impulso grande, com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, que reuniu as faculdades isoladas de direito, medicina e engenharia, e criou cursos modernos, como os de Sociologia, Letras, História Natural, Química para os quais, muitas vezes, eles tinham de importar professores estrangeiros.

Dessa geração que irá se formar na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas que a Semana passará por uma revisão crítica com rigor acadêmico, sobretudo na revista *Clima*, formada por Antonio Candido, Paulo

Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Rui Coelho, Gilda de Mello e Souza e Lourival Gomes Machado.

"O Oswald dado a boutades e brincalhão chamava mesmo esse grupo saído da universidade de 'os chato boys'. Ficou amigável de Paulo Emílio Salles Gomes, mas no entanto chamava ele de o 'piolho da revolução'. Ainda assim, eles começam a pensar o Brasil a partir do movimento modernista. O Antonio Candido é um crítico modernista. E o Oswald, que implicava pelo jeito que eles escreviam", conta Fonseca.

Nas décadas seguintes do século 20, sobretudo no pós-Segunda Guerra, o modernismo dos anos 1920 tornaria-se um norte na trajetória cultural e intelectual brasileira. As explicações redutoras e polêmicas fáceis, no entanto, deveriam ir para a lata de lixo da história. •

21 de fevereiro de 1848

MANIFESTO COMUNISTA PUBLICADO EM LONDRES

“Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo”. Escrita por Karl Marx e Friedrich Engels, a célebre frase abre o Manifesto do Partido Comunista, publicado em 21 de fevereiro de 1848, em Londres. Em quatro capítulos, o panfleto expressa o programa e os propósitos da Liga dos Comunistas, considerada a primeira organização internacional marxista. Abordando a luta de classes, os conflitos do capitalismo e a necessidade de sua superação, o manifesto se tornaria uma das obras de maior influência na organização da classe trabalhadora. O documento pregava: “Proletários de todos os países, uni-vos!”

21 de fevereiro de 1945

FEB CONQUISTA O MONTE CASTELO

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) ocupa o monte Castelo, vencendo as tropas alemãs, depois de quatro tentativas fracassadas. Foram 12 horas de combate, muitas baixas, mas o monte foi enfim conquistado. O jornalista Joel Silveira, correspondente de guerra dos *Diários Associados*, conta que “às 17h50, a voz do coronel [Emílio Rodrigues, comandante do 3º Regimento de Infantaria da FEB] Franklin chegava forte pelo rádio: ‘Estou no cume do Castelo’. E pedia mais fogos de artilharia sobre pontos em poder do inimigo.



24 de fevereiro de 1932

O BRASIL GANHA UM CÓDIGO ELEITORAL

Um importante passo para a consolidação da democracia no Brasil é dado com a promulgação do Código Eleitoral, em 24 de fevereiro de 1932. Antes da nova lei, as mulheres brasileiras não podiam votar. Além do voto feminino, o novo código instituiu o voto secreto e o voto proporcional.

O Código Eleitoral reúne todas as regras que disciplinam as eleições brasileiras. A partir dele, a Justiça Eleitoral assume a responsabilidade pela organização das eleições, tarefa que até então era

do Poder Legislativo.

Dessa forma, acaba a “deglota” – prática corrente na República Velha, em que deputados e senadores do partido majoritário não reconheciam os mandatos de candidatos eleitos por outras legendas. A nova legislação estabelece, ainda, a Justiça Eleitoral como coordenadora do processo, desde o alistamento de eleitores, passando pela organização das mesas de votação e a apuração dos votos, até o reconhecimento e a proclamação dos eleitos.

22 de fevereiro de 1954

COM AVAL DE GETÚLIO, JOÃO GOULART SE DEMITE

O ministro João Goulart entrega sua carta de demissão ao presidente Getúlio Vargas, oito meses depois de assumir o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Ele vinha enfrentando violentas investidas da UDN e dos jornais oposi-

cionistas, que chegaram a acusá-lo, sem nenhuma prova, de insuflar greves e pretender transformar o Brasil numa “república sindicalista”. A campanha contra Jango atingiu seu ápice com o lançamento do Manifesto dos Coronéis.



18 de fevereiro de 1962

FUNDAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Partido Comunista do Brasil é fundado na Conferência Nacional Extraordinária convocada por uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que não apenas aprova estatuto, como elege um Comitê Central e se autoproclama a continuação do partido fundado em 1922.

A formação de um novo partido comunista foi o resultado das divergências internas que vinham se acumulando desde o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), ocorrido

em 1956. Defendendo um processo revolucionário em etapas, o congresso abalou o movimento comunista internacional.

À frente da dissidência do PCB, João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar rechaçaram a "via pacífica" para a revolução e aprofundaram as críticas a Moscou e ao secretário-geral Nikita Krushev. O PCdoB é o primeiro partido comunista da América Latina a se aproximar da China, liderada por Mao Tse Tung, a se distanciar da União Soviética.

Outras datas históricas:

20/02/1914: Nasce em Mirador (MA), o economista Ignácio Rangel, militante do PCB e ANL. Integraria o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e foi assessor econômico de Getúlio Vargas, ajudando no projeto de criação da Petrobrás e da Eletrobrás.

19/02/1924: Nasce o publicitário Carlito Maia, em Lavras (MG). Ele foi fundador do PT e seria o criador do slogan oPTei, nos anos 80, e autor do jingle Lula lá.

22/02/1942: Nasce em Terra Roxa (SP), Santo Dias operário metalúrgico e membro da Pastoral Operária. Ele seria morto pela PM em 1979, quando comandava um piquete de greve na Capela do Socorro.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br

20 de fevereiro de 1989 ENCONTRO INDÍGENA DOS POVOS DO XINGU

No coração da Amazônia acontece o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, iniciado em em 20 de fevereiro de 1989, em Altamira (PA). O evento conta com mais de 600 indígenas e centenas de ambientalistas, que exigem a extinção do projeto da construção da hidrelétrica de Cararaô e a aplicação do investimento previsto em políticas de preservação ambiental e apoio aos povos indígenas.

Uma cena daquele encontro entrou para a história. No meio do discurso do presidente da Eletronorte, Muniz Lopes, a índia caiapó Tuíra aponta um facão para o rosto do homem branco, declarando que não lhes interessava progresso naqueles moldes: "A eletricidade não vai nos dar a nossa comida. Precisamos que nossos rios fluam livremente. O nosso futuro depende disso". O evento ficou conhecido como o primeiro grande encontro socioambiental do Brasil.

A TRAMA CONTRA LULA AGORA EM HQ

PT lança revista em quadrinhos para mostrar a verdade sobre a prisão de Lula e o impeachment de Dilma. A farsa da Lava Jato e o comportamento criminoso de Sérgio Moro e dos procuradores são desmascarados

Quem quiser entender melhor toda a farsa da Lava Jato e o lawfare usado contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo ex-juiz Sergio Moro, no caso do Triplex do Guarujá, pode ler a HQ [Lula, da perseguição à esperança renovada](#). A história em quadrinhos é uma adaptação do livro Memorial da Verdade, do jornalista Ricardo Amaral.

A HQ rememora toda história das perseguições e abusos cometidos por Moro ao conduzir o processo que levou à condenação injusta e descabida de Lula, a partir dos principais acontecimentos políticos brasileiros, desde os protestos de 2013 até os dias atuais, tendo como pano de fundo a vida dos trabalhadores afetados pela crise do pós-golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

O quadrinho relembra o início da farsa da operação Lava Jato, o golpe contra Dilma, o comportamento criminoso do Moro, a prisão de Lula e sua saída pela porta da frente da carceragem da Polícia Federal, após passar 580 dias preso. Além disso, mostra as 24 vitórias de Lula na justiça.

A HQ tem edição de Vitor

Teixeira e Rôney Rodrigues, com roteiro deste último, além de pesquisa e checagem de dados de Carolina Rieger e arte final de Vitor Teixeira.

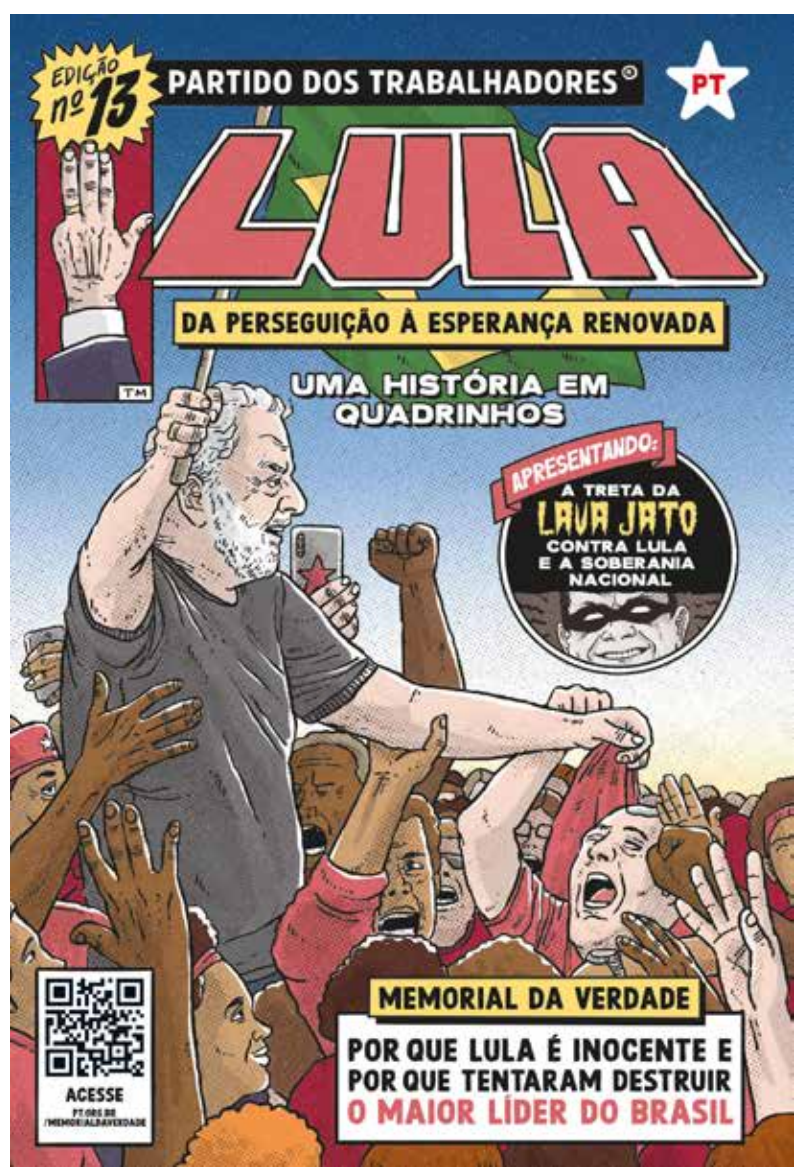
A história remonta os episódios ocorridos em 2014, depois da descoberta do pré-sal trazer grandes esperanças e c o n ô m i c a s e s o c i a i s para o Brasil. É nesse contexto que surgem Moro e o procurador Deltan Dallagnol. Em acordo com agentes da CIA, ambos interferiram na desestabilização de Dilma.

C o m e ç a então a perseguição judicial da República de Curitiba contra Lula, com o apoio da grande imprensa. Em 2016, Lula é

levado a Curitiba para depor coercitivamente e, em 2017, o ex-presidente e Moro ficam a cara a cara em um capítulo nomeado de "Brasil Golpeado". Em 2018, sem provas, Moro condena Lula por "atos indeterminados" no processo do Triplex do Guarujá.

Em março de 2021, o STF declara Moro incompetente para julgar Lula. Mais do que isso, em junho, o Supremo confirma Moro como suspeito. A história ainda lembra a pressão das Forças Armadas contra o STF. Mais tarde, os ministros liberariam o ex-presidente da detenção ao derrubar a prisão em segunda instância e, posteriormente, anular os processos porque a Justiça Federal no Paraná não teria competência para tratar do assunto.

O arquivo da revista pode ser baixada [AQUI](#).



REVISTA
Nº 31 - JAN/FEV 2022

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO: ACERVO DO BLOCO AFRO PRETINHOSIDADE



2022: um ano de disputas, todos os dias!

Sheila de Carvalho: é
hora de polarização

Artigo: A agenda de
violência e segurança

AGENDA DE LUTAS FEVEREIRO DE 2022



EDIÇÃO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD
fpabramo.org.br/publicacoes

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos
20

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
Documentação e
Memória Política
INSTITUÍDO EM 2001